

92  
39 (469.51)



JERONIMO M. S. PAIVA

DO  
ALTO  
ALENTEJO

DESCRITIVOS  
FIGURAS E FACTOS DE HA 30 ANOS

o o o

1927  
Edição da "ALMA FERROVIARIA"  
R. DR. MANUEL D'ARRIAGA  
BEJA

DO  
ALTO  
ALBERTO

431  
21/10/2006

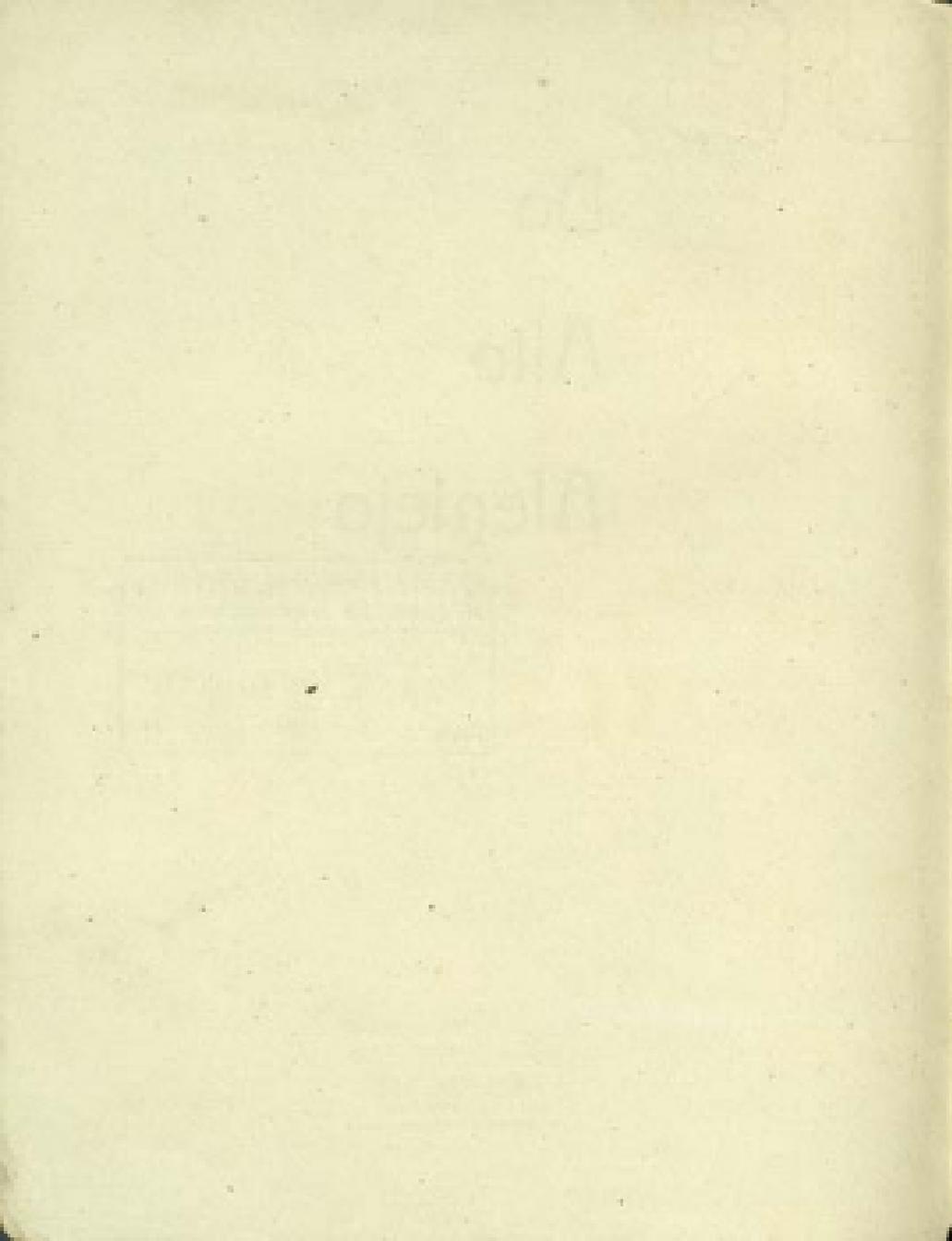
CÂMARA MUNICIPAL DE ÉVORA

Núcleo de Documentação

# Do Alto Alentejo

CÂMARA MUNICIPAL DE ÉVORA	
NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO	
N.º de Registo:	7506
Cota:	52 39(462, 51)
Data:	31 / 01 / 2006





*Aos meus amigos os Ex.<sup>mas</sup> Srs. Coronel Alfredo Pico,  
Major Plinio Silva, Dr. João Camoêsas, Julio Botelho e Jaime  
Marques, conterraneos de eleição ou grandes admiradores do  
Alto Alentejo, dedico a obra presente, raquitica de valor litera-  
rio mas grandiosa pelo cuidado e pela saudade que lhe deram  
vida.*

*Beja  
1927*

*Jerónimo M. S. Paiva.*

THE UNIVERSITY OF CHICAGO  
LIBRARY

## Explicações

Deixem que eu tenha pelo Alentejo este amôr dalma, muito quente e muito sentido, que as almas varonis e sensíveis costumam ter pela aridês aparente que tudo de mais grandioso e humano nos inspira, que tudo de mais natural e altivo nos aponta.

Ha quem veja no Alentejo a mansão vasta do desalento e da tristês, escassa de sombras alastradoras e fragancias exuberantes, área descoberta e provocadora do tédio sob o império escaldante de um sol arabico, vastidão escavada de terras rasas ou lévemente sinuosas que a vista abarca em desenas de légoas.

Ha quem lhe chame (porque de animo leve a aprecia) a terra deserddada de amimadas glêbas, a provincia silenciosa e rade de Portugal. Mas ha que reconhecer a sua vicejancia brutalmente prodativa e o animo das gentes suas, nam meridionalismo que faz crêr, que faz amar, que faz caricia e bem nessa espontaneidade de bem comangar no altar do sentimento piedoso e amigo, até entre desconhecidos, em franqueza leal que irá ao sacrificio se necessario fôr.

Rincões encantadores, vegetação luxuriante, localidades alegres, ares purificadores, panoramas deleitosos, tudo isto se nos depara e nos enche de dôce ternura.

E' assim o Alentejo, áparte as prolíferas mansões das

mêsses e dos montados; é assim o alentejano inculto ou preparado que arroteia ou que é instruído e que dirige.

Quem poderá esquecer do alto Alentejo as graças naturais e artificiais de Estremoz, de Elvas, de Portalegre e de Castelo de Vide, sobretudo, em si e nos seus arredores, pontos aprasiveis, quintas e hortas frescas, odoríferas e seivantes? Quem poderá olvidar os monumentos históricos, os admiráveis resquícios do passado, a solenisação das tradições grandiosas, vincos transmissores de uma raça resistente como o aço e heroica como Anibal?

Para o alentejano a família que estima e respeita, para quem vai a sua fala comunicativa e franca, sem convencionalismos de apresentação, é toda a gente que vê e que passa, toda a gente conhecida e desconhecida que os seus olhos descobrem. *Salve-o Deos! Ora bôa tarde lhe dê Deos! Viva lá, bôa tarde!* são cumprimentos que sintetizam a fraternidade da vida nãa. Teem a alma nos lábios para que ela fale a quem vive da alma. Teem o coração ora no cérebro, ora nas suas mãos calosas e simples para a labuta homérica, para o revoltear do humus — sangue da terra que lhe dá o pão por suor com o acompanhamento de cantigas.

Os cantares alentejanos!

Ha lá nada mais deleitosamente espiritual, mais dôcemente dolorôso, mais pungentemente saborôso, mais enternecedoramente triste que essa harmónica languidês de vôzes privilegiadas que parecem ligar a vida humana a toda a vida da Natura infinita e magestosa que nos eleva e nos esmaga, que nos nimba de perfeições carinhosas e nos avilta como matéria que se transforma e se esvai!

Máscula figura a do alentejano campezino que canta e que, senhor de si e do seu queimado da labuta cotidiana e do seu quê de árabe, não ri nem se distraí enquanto canta, como se uma missão sagrada a si chamasse nesse momento.

Ele não sabe porque é assim, mas sabe que assim é.

E a beleza sã e rija dessas deidades rústicas, madonas perfeitas de carnação, de olhos e de sorrisos, á luz branda e

rubra do entardecer estival ou á luz pobretana do lar limpinho, ou sob a luz toalhenta e inspiradora da lua, entoando canções arrastadas, ingénuas ou tendenciosamente labricas, em timbre limpido e seguro!

Elas e eles, o *Chico* e a *Delovina*, o *Zé* e a *Águsta*, amam-se cantando e trabalhando, na labata do pão e na labata festiva, sempre extenuante e sempre alegre, mordendo ditos simples e traquinas, pobres prolétarios isolados das sociedades perfumadas e doiradas, alheios a preconceitos cautelosos e estudados, ignorando a existencia calamitosa dos zoilos pataqueiros de brilhos de engomados e de monócalos, esses eternos pavões da eterna maledicencia aristocrática que enerva e ilude.

Bendita gente, esta do Alentejo!

\* \* \*

Toda a terra é um livro perene, ruidoso ou silencioso, que a Natura rége misteriosamente em honra de gigantes vidas e de invisiveis sêres.

Nada vive em absoluto porque a relatividade impéra. Quando nessa relatividade justificamos nossas afeições, por elas nos eseravisando, o nosso querer, por sincero, é poderoso tónico para ensinamentos e virtudes.

Amo, pois, o Alentejo da minha natalidade, o Alentejo escavado, ardente, de áreas fatigantes e dormentes, porque ha no seu todo como que o úbere formidavel que a natarais e estranhos socorre e esse sentimentalismo tocado de flagrante ingénuidade e sacrosanta hospitalidade que estanca a asperesa social que hoje afafalha cérebros e degenéra corações.

O alentejano de hoje, com saltitantes exeepções locais, tendendo por acomodar-se ás práticas democráticas que pairam por sôbre o mundo humano e consciente, é ainda o homem sádio de intenções, dominado pela tara do sacrificio, da abnegação e da generosidade.

Pelos reconceavos dos montes, em horas de turbação

alheia, a lareira d'esses humildes ainda acomodada, com o rosto a tradazir voluntariedade, esses transviados que a desdita amarrou á vontade dos balejados por melhor sorte.

Outras provincias, outras regiões assim serão também. A' face da terra a filantropia não se delimita por exclusivismos. Mas em fóco uma região de tão reclamada e condenada aridêz, para que dessa mesma aridêz se sinta, como é mistér, a fecundidade da terra e a harmonia benéfica do sêr.

Sim senhores. Tenho o orgulho repisante e justificado de alentejano nado e criado. Orgulho justificado á luz parissima das evidencias e das coneretisações. E' o Alentejo celeiro farto, vida de simplicidades e de labôr, mesmo como criticada massa de terras calvas e de desconfortos, onde o sol de estio faz dar-dejar seus fios de luz ardente e zigzagueante. Paira sôbre o seu ambito a luz bendita do estímulo e do progresso, modificando-lhe arcaismos estagnantes e tornando-o pouco a pouco uma provincia mais acomodada á prática das exigencias sociais. Começaram os seus séculos de estatismo rude e laborioso, primitividade por excellencia, a ser cobertos pela dinamica da modernisação e da desopressão, para que o homem venha a ser o animal altivo e racional que procura reconhecer no seu semelhante um companheiro que o respeite e o estime, na ansia intuitiva de se darem as mãos em busca do possivel bem comum.

Vossos olhos, camponezes alentejanos, tem já mais brilho e melhor fixidês e vossas pernas firmam-se mais eréctas quando a mão fina e preguiçosa pretende afastar-vos por meio de poeirentas promessas ou caprichosas e capeiosas advertencias.

Ha muito que desbravar ainda, em vossos cérebros virgens. Mas, no entanto, vai já irradiando de vós a *révanche* que a natureza metarmofoseante e a sociedade transformadora impõem em procura de melhor distribuição de trabalho.

E' sei, todavia, que através dos arrancos de autonomia rasoavel de consciencias proletárias, existem pelos recantos do Alentejo, como por outros recantos do país, muita ingénui-

dade a servir de passadeira, muita simplicidade a dar vassão ao enxarro do querer, muito rudimentarismo a curvar-se ao predomínio cruel de velhos preconceitos autoritários, mananciais de exploração ignobil e ruidosa, vergonha revoltante e tolerante que nos torna indignos da vida aberta e higiênica que a Natureza nos prodigalisa ás escancaras.

O caminhar tem que ser lento porque a montanha rochosa é resistente e os hereales, apesar de seus pulsos vigorosos, estão longe ainda dos conhecimentos técnicos da destruição que lhes ha de dar passagem.

\* \* \*

Mesmo sem a mnemonica de Artaxerxes, que tudo quanto vira ou ouvira relatava passados anos sem a mais leve falha de minacia, ou sem a perseverança pasmosa e a evangelica paciencia de Littré, que durante treze anos mais não fez que de alta manhã a alta noite cuidar do seu famoso dicionario etimologo-historico, eu levei a cabo esta obra de recordação que a saudade do passado entretece. Obra sem realce retórico, mas muito sincera e muito sentida. Mesmo que aqui não cabia nenhuma vasa dos manejos de Herealano ou de Castilho, nem dengaices estilizadas de Garrett ou de Bernardim. Nem mesmo retalhos paupérrimos de meu génio filosófico bebendo pela taça de Comte ou pelo copo de Spencer seriam aceites em trabalho desataviado, desprendido de estilo, coisa correnteja, agua dos temporais idos e que eu recolhi no caldeirão da minha mioleira de meridional, para agora, brincando, a verter gota por gota por sobre o papel amigo e daqui por tenuissima volatização para os olhos dos que, sobre todos os outros, comigo suportaram esses mesmos temporais. Seria orvalho redentor, seiva avigorante, essa agua que eu agora, talvez por embotamento de sensibilidade, considero como dimanada de insubmissa atmosphera? Talvez. No declinio da vida o raciocinio inverte instintivamente as coisas, embora memoraveis, por efeito da brutal desilusão com que por aí

andamos a praguejar contra as doidices dos que passam pela curva da vida que de nós se afastou de ha muito. Mas mesmo assim temos momentos de garridismo, de jovialidade, de meninice, rindo com os que riem por entre ondas de frescura ou até mesmo coegando por entre dôres saudosas aq̃ele passado que a Natura ingratamente no-lo roubou em definitivo.

Aproveito o momento em que o coração e o cerebro me inspiraram e me levaram a escrever o que por aí se verá, tornando-me senhor de uma evocação que não deslambrrará, que não me condazirá á immortalidade.

Obra barata e pacata, obra de reprodução do que tantos olhos do meu tempo viram e reprodaziram.

O meu livro *Cartas Crueis*, esse sim, foi escrito com o bico de um panhal e embebido em sangue. Escrevi-o em mangas de camisa, de punho firme e impiedoso, para que se não dissesse que eu tambem era birbante da sociedade venenosa que se corôa de rosas. Agora madei de rumo, de bem com a minha consciencia. Escrevo para distrair-me e distrair os outros. Após a tempestade, a bonança. De leão enraivecido tornei-me em pomba mansa.

Despolarisei a electricidade que me queimava, bebi um copo de agua e venho falar de coisas banais, como quem trava com a familia a um canto da lareira e não sabe o que ha de dizer de transcendente, com receio de aborrecer ou de ser tido como pretencioso.

Hão de gostar, creiam. A féra sensata que, educando, vomitou as *Cartas Crueis*, tem coração amigo para os homens de caracter e sabe perdoar. Má balda essa de apontar erros e crimes á porta da rua, quando os que erram e cometem crimes passam em passo austero, sorriso nos labios, flôr ao peito e rescendendo perfumes castosos. Incomoda, perturba e origina odios. Paciencia. A obra saía, foi lida e todo o odio que sobre mim tenha caído será levado por este pobre peregrino á conta de produto doentio das alminhas que nesse mesmo livro apontei.

O resto é com a eternidade...

\* \* \*

Não desentoesoیرهi preciosidades historicas, magnificencias de velhos tempos, amores medievais ou solarengos. Poderia, se em ganas me aproavesse, sob o imperio de uma imaginação pre-estadada, ferir uma historia complicada de fadas e daendes em noite laarisada, junto do mirrado Sexins da minha terra, a um canto do alto Alentejo, entornando a imaginação pelo cerebro dos meus ledores, subtilmente procurando leva-los a um campo de realidades.

Mas não. O que aqui está é possivelmente a verdade sem condimentos, se é que aquele doce-amargo dos infelizes, de que nos fala o poeta, não é um condimento de se lhe tirar o chapeu e de nos condazir a alma, de joelhos, ao trono do misticismo.

Alegria dolorosa, sorriso frio e escaldante a evocação do passado descuidoso ou agitante que enganosamente nos remoeça, nos conduz ao eldorado perdido, nimbados de luz amorosa, constelados de estrelas esperançosas e angustas!

Alentejanos do meu tempo, alentejanos dos meus sitios, viventes que foram comigo os cavaleiros andantes da desilusão, do belo e do sonho, cangalheiros de vossas proprias ossaturas, réas de vossos cabelos nevados, párias de vossas rugosidades traiçoeriras, eu vos juro que este meu livro vos surpreenderá e vos chamará ás conjuntivas lagrimas quentes, como condenados eternos do sofrimento pela estrada árida e acidentada da vida.

Doloroso, pungente á magia revoltante dos sentidos, sentir sem freio, a revoltear em nós, o rocinante malvado do tempo, quebrando-nos o aço dos musculos, tarvando-nos o sangue, secando-nos as sinovias, amolecendo-nos, numa palavra, a carne rija e nervosa de *in ilo tempore*, para que a alma divina, o espirito fluidico, sensível e invisível, mais se destaque amarguradamente do envolvero desconcertante, oferecendo-nos e oferecendo-se como joia rebrilhante, eternamente môça, o que temos de involuntariamente reguitar.

No isócrono pendulo da fatalidade somos o pó que se enovela por caprichos misteriosos com o pó de nossos maiores, daqueles que, como nós, tiveram momentos em que — ambiciosos e desvairados zeros! — com o pensamento e as aspirações abarcavam o orbe terraqueo, todo o universo...

Não me levem a mal que eu tenha (misera hiena humana) desenterrado cadaveres, insuflando-lhes vida, para os devorar com as mandíbulas sagradas do meu pensar. A vida dos que sofreram e sofrem, a vida dos sentimentais, a vida dos eternos românticos e sonhadores, costuma nas horas de raro socego da vida estridente e calamitosa falar com a vida dos mortos que em mocidade perdida foram como que o céu fulgente de suas ternuras, a Beocia de suas refrescantes idealizações.

Se eles, tristes névoas do Alem, revivem por mercê do meu querer, eu também revivo com eles, atirando-me de recuo ao came da flecha roteira do tempo, perfumando-me de potenciais valores para me sentir libertario hereuleo gimbrando como salsa carnavalesco com o espectro invulneravel da Morte.

\* \* \*

Narrativas simples de casos operados em terras do alto Alentejo, quanto o meu livro contem.

Quadros de impressionismo local, télas veridicas de rincões que o meu temperamento por lá contemplou. Não ha originalidade; mas talvez que uma atenta observação possa, pelos descritivos analiticos e pela focagem dos acontecimentos, colher algum inéditismo.

Ha esparsos por varias obras de imprensa, trechos de meu labor sobre o Alentejo baixo, a falaciosa região escaldada e ardente que faz gemer gentes sob a demanda do arroteio, sob a escravidão proletariana que é toda a gama potente do museu ainda tradicional e atrazador do Homem. Alto ou baixo, o Alentejo é bem o Atila da produção, da serventualidade esfalfante e nobre que gera e produz para a nacio-

nalidade, quer os seus nativos se nivelem em trabalho, quer eles se ostentem como repulsivos vampiros de esquina ou alfenins de tabacaria.

Do alto Alentejo pouco se tem escrito em livro.

O baixo Alentejo, esse sim, tem sido abordado desenvolvidamente por mãos de mestres. Pulsos atléticos de prosadores, como Fialho de Almeida e Brito Camacho, tem erguido às calminancias do apreço a região que lhes foi berço. Embora santos de casa, souberam fazer os milagres de fotografarem pela pena as gentes de ao pé da porta, sobretudo. O primeiro deambalou e sintetizou a labuta e simplicidade dos indigenas de Vila de Frades, Vila Ruiva, Pedrogão e Vidigueira; o segundo tomou á sua conta as amorosidades, as misérias e os grotescos de Aljastrel e Messejana. Um e outro chegaram a adiantar-se até Beja.

Pois quiz eu deitar mãos á tarefa arrevesada e distractiva de falar um pouco do outro troço alentejano onde a vida em grande percentagem me correu baralhenta e desventurosa.

Tenho a mania da modestia, talvez por saber que a vaidade é vistosa bola de sabão que simples vibração de ar ou leve piparote de criança desfaz e ainda por sentir bem fando que Apeles foi conceituoso ao avisar o critico de sua pintura de que, como manufactor de calçado (sapateiro nos velhos tempos da literatura plebeia), não lhe era permitido o direito de, como zoilo, sabir acima da chinela da sua competencia.

Não tomem o meu livro á conta de pieguices.

Eu que sou detentor de um cerebro desempoeirado, capaz de hossanar o apramo humano e dignificador do maior conservador de reliquias politicas e de abraçar com o calor da razão humana o maior anarquista de todos os tempos, sei a valer que através de todas as emancipações de consciencias e fronteiras, perdura, como sangue do nosso sangue, no cerebro bem formado, a idéa enternecedora, embora subtilmente disfarçada em certos casos do dominio patologico, de que sentimos dentro em nós, como parcela da nossa vida, aquele

pedaço de terra onde corremos numa alegria inegalável, numa inconsciência salaberrima.

Pedaço de terra onde arrogantemente, como gigantes de papelão, sacadimos da gaita o pão, o pão que no seu vertiginoso rodopiar até á balouçante fraqueza que anuncia a queda roladora que o paralisa, nos mostra por imagem o nosso querer, o nosso poder, a nossa inutilidade, o nosso zéro.

\* \* \*

Alto Alentejo da minha vida de criança! Como eu o recordo nesta conjuntura em que a vida de positivismo egoista e feroz me traz ás sacudidelas como espantalho de figueira e que arrasa o pensamento dos que ainda são os que vivem mais pelo coração que pelo estomago.

Alto Alentejo em que as gentes ainda crêem numa civilização para e santa, numa verdade em que a humanidade é a pedra de toque da existencia, numa justiça toda baseada no amor pelo próximo.

Eles não sabem — e ainda bem! — que a civilização é a materialidade em toda a sua pujança, fingindo carinho, cobrindo com sorrisos a hipocrisia de cada momento e escondendo o coração dos esgares revoltados e dolorosos dos miseráveis que não teem pão e que veem passar, num desprezo de educação e de sociabilização, os nababos eivados de infamias, os vádios distinguidos pela crápula convencional que os gera e os acolhe.

Não sabem o que é a civilização. Julgam-se bons e felizes esgotando energias em busca do pão escasso para si e fazendo irradiar para o alto a vitalidade que o seu braço homérico cria. E muitos dêles, mais felizes ainda, curvando o dôrso e descobrindo-se na passagem do seu Senhor, com o respeito que lhes vêm do temor e da ignorancia.

E no canto de seus lares a alvorada benigna só tem lugar socorrendo os pobres de sua mesma pobreza e elevando a

Deus suas graças por lhes dar o trabalho rude e mal estipendiado de cada dia.

Como a civilisação dos grandes centros, fôgo de artifício de efeito brilhante, é diferente da civilisação provinciana, pedra filosofal do *sentimento sentido!*

Passeia libidinosamente a dóninha por sôbre o dôrso do leão dormente desde que os homens entenderam que deviam ser escravos dos próprios homens, ulalando por chefes, por mandantes, afim de se salvarem dos males da acefalia.

Se é certo, como se diz, que Deus escreve direito por linhas tortas, eu direi que os homens escrevem tôrto por linhas rectas.

Alto Alentejo!

Deixem que eu escreva para os vivos, de coisas simples, e que fale com os mortos como passatempo espiritual.

Deixem que eu fale dos vivos ácerca de puerilidades arrancadas á civilisação provinciana.

Deixem que eu diga um pouco dos abortos sociais, das alacinações e degenerescências que são os males ingénitos que aqui e além salpicam e mancham a humanidade bem intencionada.

J. P.



## Apanhos

Romaria espantosa aquela que o povo anônimo, principalmente, promove em loavor do Senhor Jesus da Piedade, de Elvas, em Setembro. Romaria incontestável de vibração de vida, de massa de gentes, de fervente fé, de acrisolado e ingénuo cristianismo. E' hoje o que era ha cincoenta anos, resistindo ás sacadidêlas sociais, aos arranhões dos descrentes. Quem uma vez encara aquela mole imensa de gente pacata, submissa, mística, agradecida, esperançosa, jámais deixará fugir de sua memoria essa coisa estapenda.

Fraca é a minha pena para a descrever; mas forte que ela fosse, os tropos dela saídos seriam uma imagem debil de sua grandiosidade. Não se descreve. Vê-se, sente-se, nada mais.

As festas da Agonia, em Viana do Castelo; as de S. Torcato, em Amarante; as de S. Gualter, em Guimarães; as do Senhor da Serra, em Belas; as do S. João, em Braga e as da Atalaia, em Aldegalega, tem um canho diferente de aparato, de fervôr religioso. Nelas ha o bulicio momentaneo, a nevrose que perpassa por algamas horas, um pouco de pandemonio, de labirinto de gentes que se divertem sem metodo. Dentro da intenção ha apenas o pretexto para a folia. Falta-lhes o que ha com a ida até junto do Jesus da Piedade: crença, fé, idolatria, devoção lenitivante de males, preito de gratidão por males arredados.

Inunda-se de lés a lés o parque da Piedade.

Os sinos repicam nervosamente nos momentos da festa; a igreja, por fóra sempre modesta e muito caiadinha e grande, é interiormente um lazeiro que fére a vista á primeira impressão. Até ao atrio o povo comprime-se; dentro da igreja asfixia-se. Pela escadaria lateral, que conduz á casa dos milagres, ha um subir e deseer constante. São os devotos que ali vão entregar suas oferendas prometidas por bondade desinteressada ou por via de milagre do Jesus. As paredes desta casa estão pejadas de ofertas: pernas e braços de cêra adornados de lacinhos de sêda; quadros grotescos, de proporções desequilibradas; fotografias com extensas dedicatorias e limitadas por desenhos mirabolantes em madeira ou em tecidos. A tudo acode o Jesus da Piedade, nos momentos aflitivos: um lobo que ataca um pobre pastor ou viandante; um cão raivoso que procura morder quem passa; aquele que caía de um andaime á rua; outro que involuntariamente se precipitou de uma ponte ao rio; este que ficou sob a roda de um carro carregado de trigo; mais aqueles que estiveram gravemente doentes durante meses, etc. etc. A Piedade do Jesus foi até eles no momento crítico e salvou-os como só ele sabia e sabe. Por isso a funda gratidão dos redimidos da morte lá os conduz não só com tais ofertas como reforçando-as com sacos de trigo, bilhas de azeite e arrobas de cêra para iluminação.

A' entrada da igreja vê-se a mesa larga onde os da confraria acolhem os dinheiros das esmolas, que retribuem com imagens vulgares do santo se se trata de dadiva inferior ou com cruses ou rosarios se a coisa é de mais polpa. Para tudo neste mundo ha distincões, pelo que até mesmo á porta da igreja se prova que por amor de Deus a igualdade é um mito.

Cá fóra a atmosfera é densa, da poeira levantada pelos que caminham, se mexem, se acotovelam; centenas de carros alentejanos, de toldo abaulado, puxados por parelhas de gadeiras barulhentas e cabrestos garridos, invadem uma parte

do parque, para ali permanecerem durante dois dias, despendendo milhares e milhares de festeiros ouromeiros de Borba, de Vila Viçosa, de Estremoz, de Vila Boim, de Arronches e de Campo Maior. E centenas e centenas de criaturas veem com os pendões de Varche e de Ana Loura, em cerimoniaal cauteloso. Bandas e filarmónicas atroam os ares com o sempre agradável hino da Piedade, da autoria do maestro Domingos Caldeira, elvense ilustre. Os comboios vomitam gente de Portalegre, de Crato, de Niza, de Gafete, de Tolosa, de Arêz, de Assamar, de Santa Ealalia e, por bandas de Espanha, de Badajoz.

Insuficiente o vasto campo da Piedade para comportar a multidão, magotes deslocam-se para o Rocío, onde a feira de S. Mateus tem lugar. Pela tarde o Rocío e a Piedade são aluviões de pic-nics, são farneis abundantes que se estendem e se vão devorando por entre uma alegria comunicativa comuna ideal e só perfeita naquele fugidío momento.

Palalam os trajés vistosos de camponezes e camponezas, moços cheios de vivacidade, moças sádias e alegres. Estralejam incessantemente os foguetes.

Passam grupos de ciganos faladores e birrentos e de ciganas de cabelo oleoso e negro e olhos de fogo a viverem no moreno provocante do rôsto.

E o vozear paira no ar e os carros e os automóveis e as cavalgaduras passam constantemente, reforçando a poeira que peneira e mancha chapéos e fatos.

As festas da Piedade de Elvas são a síntese religiosa do alto Alentejo. Mantem-se a doutrina do nazareno de berço para berço, de lar para lar, através de anos e obstáculos. Os que raramente se deslocam desta força centrífuga para viverem a seu talante intelectual, são elementos isolados que barafustam sem côro, que baralham sem éco.

Ea sei quanto isto é verdade, por teimosias de família, desde que tenho por mim que clero e santinhos são como que bubões que para mais não servem do que para nos desfeiar e martirisar.

\* \* \*

Elvas tem valor histórico, que não cabe na indole deste trabalho. A sua historicidade tem hoje o respeito que a atrofia. Metida dentro de enormes muralhas faradas apenas pelas quatro portas—taneis que a servem, a sua expansão está prejudicada por isso mesmo. Como cada terra tem algo que a valorise, a cidade das linhas célebres de defeza contra os de Castela, fala com orgulho daquilo que a envaidece e a distingue: as festas da Piedade, o parque da Piedade. Sem essa devoção festiva e retumbante, sem as belezas edénicas do seu parque, a velha cidade cintada viveria a vida monótona e arealica da provincia, como terra remançosa entregue ao seu silencioso labôr.

Mas não ha, como todos os que a conhecem o confessam, terra mais caiadinha, mais limpinha, do palacête mais castoso ao casinhoto mais modesto. Travessas, viélas, bécos, por menos visitados ou menos maneirinhos que sejam, lá estão seus prédios, alvos como néve, a mostrarem-se aos olhares. Tendência louvavel ou habito que se transmite de geração para geração, isto não quere eizer que os seus naturais assim provem o culto supremo pela higiéne. Ha de tudo, como por toda a parte. A higiéne não é monopólio de castas ou raças.

Elvas era ha tres dazias de anos bem pachados como que um grande quartel, um quartel em que os paisanos estavam militarizados mesmo sem querer. Ninguem havia que não pertencesse a militar. A velha praça de guerra abrigava os regimentos de cavalaria n.º 1, artilharia n.º 5 e caçadores n.º 8, cavalaria e infantaria da guarda fiscal, padaria militar e companhia de reformados. Quem, em faee de isto, se poderia escapar á militarisação? As esposas dos officiais sabiam dizer com facilidade quando os maridos estavam de serviço ao quartel, ou de ronda, quando lhes pertenciam deligencias ou destacamentos. Tinham a escala na mente, tão bem conheciam a situação dos officiais e o seu quantitativo. Por sua vez as familias dos sargentos auxiliavam estes na confecção dos vários

trabalhos de escrita militar. Conheciam, comó os dedos das mãos, os vencimentos e diversísimos abonos e descontos que incidiam desde o general governador da praça ao corneiteiro.

Que o Destino em sua misteriosa e poderosa guarda dê saúde a quem namorou uma menina que se lhe afigurou ser simplória e muito alheia de coisas da tropa. Puro engano.

Quando em certa altura de uma conversação o seu Adonis lhe falou em casamento para quando tivesse posição com melhores proventos, ela, lampeira como peixeira escorrida, acudia logo que poderiam casar. Porquê? Porque um sargento tinha tanto de pret e am pão; tanto de readmissão; descontava tanto para fardamento e para rancho e ficava-lhe tanto como liquido. Com tanto de seus lucros de costureira estava o montante regularizado para uma vida material capaz de suportar com alegria os devaneios amorosos!

Contra factos não ha argumentos, sobretudo quando as saías nos deixam em calças pardas.

Sucessivas reorganizações do exército foram ceifando os quadros militares da guarnição elvense a ponto de o número militar ser hoje um quinto do que fôra.

Resultado:

O comércio viu cereceados seus interesses, a modôrria invadiu o meio ambiente e o censo das solteironas aumentou pasmosamente, com grande tristeza e revolta das abandonadas e com grande enervação para seus progenitores, condenados á manutenção dolorosa do seu estado maior... feminino.

\* \* \*

Parece-me que ainda estou a vêr o aspecto visível do comércio local dêsse tempo. Analise *á la diable*, está claro, para não tomar tempo. Perfumêmos as citações, impregnêmos-lhe um colorido agradável para não ferirmos susceptibilidades.

Que diferença entre o sistema de comércio de compra e

venda ao balcão naquele tempo e ao presente! Parece que entre os dois periodos ha a existencia de um século e no entanto eu estou a vêr figuras e factos que o tempo varreu sem piedade. Quem diz comércio diz o resto. O progresso é um personagem diabólico que passa derramando novidades que delicias e acabranham, eliminando habitos e costumes e semeando costumes e habitos, com uma sem-cerimônia e imposição que é de respeitar. Quando menos o supomos estamos bloqueados de processos até então desconhecidos, que nos voltam dos pés á cabeça, quer queiramos ou não. E muitas vezes contrariados lá vamos tomar logar na fila das modificações, de braço dado com modernismos e usanças, rindo como os outros, tôlos como os outros, com um riso muito amarelo, mas sempre ao lado do progresso.

Pois é verdade, é assim mesmo.

Os velhos comerciantes dos meus tempos de criança eram elementos de importação, quasi todos recrutados do norte e que para Elvas fôram para a então sacrificada classe de marçanos. Bôa obra a do modernismo sob o ponto de vista de defêsa dos pobres garotitos que nos tempos idos eram como malhadoiro de favas e trapo de loja. Eram impiedosamente sovados por coisa fútil e própria de seus vêrdes anos. Transportavam cargas de elefante e comiam rações de gato.

Neste assanto, bemdito o progresso que tornou os pobres farrapos humanos em gente com direito á vida.

Pois os comerciantes de ha mais de trinta anos eram na minha terra os antigos marçanos dos tais tempos e que tambem tinham marçanos sujeitos á dura prova que lhes foi fisicamente peculiar. Mais tarde é que os olhos se abriram um pouco mais e a inquisição das lojas amainou.

O comercio pataqueiro do tempo levava a rasoaveis meios de fortuna ao cabo de prolongada vida de exploração. Pouco a pouco, morosamente, mas com consolidação. Se havia falencia é porque o tino havia perdido o ramo. As velhas raposas de contas gordas não deixavam seus creditos

por mãos alheias. Contas em pedaços de papel manteigueiro, mas contas certas.

Hoje ou oito ou oitenta, com seus livros numerados e selados e com a contabilidade á prova de fogo. Ou vai ou racha. Ou a fortuna entra de roldão pela porta a dentro, á custa de vigarismos ou mixordiees, em tres semanas, ou o pontapé é tão violento que o arguto fica aleijado para toda a vida. E' verdade que ha tambem falencias que salvam e dão honorabilidade monetaria muito á sacapa. Não havia destas prestidigitações noutros tempos, nem fortunas bruceas, nem generos comestiveis... artificiais.

Emfim, o comercio está na escala do progresso de que ha pouco falei.

Os manos Farões eram duas boas e sorumbáticas criaturas que, á antiga, possaiam loja mixta.

Sérios e empreendedores, tiveram a habilidade de conquistar bens de fortuna vendendo bagigangas para petizes. Houve época em que por dez réis e cinco réis forneciam á petizada crómos lindos de toureiros e espadas hespanhois. A pequenada ávida de bonitos baratos caía lá, depois de diariamente lamariar á familia o dinheirinho, como estorninhos em olival com fruto.

O José Erse era um bonacheirão pachorrento que levava os dias sentado abandonadamente num mocho á porta da loja e que se governava maravilhosamente vendendo *especciones* e bolos de amendoa. Bolos a cinco réis, muito saborosos, muito tentadores. Lá estavam a petizada e os *taludos* caídos que era uma graça.

O bom do Erse, com gesto demorado e voz pausada, sem mais movimentos, dizia para dentro á mulher:

— Avia lá isso e recebe o dinheiro.

O Pinheiro Martins, sério e amavel, quando não rabujento e intoleravel, mãos tocando o bôrdô do balcão, reverentemente meio curvado, bigode farto e bem tratado, atendia a gentalha miada das escolas. Papel e lapis, borracha e aparos, a taboada e o Monteverde — o livro dos bichos.

Assim governou a vida desafogadamente, com o baratinhó. Tenho imensas saudades das compras de cinco réis, os cinco réis que me davam dez castanhas assadas.

O José da Cruz, ao Arco da Praça, com mercearia abundante e variada, muito sério e hirto, a meio da loja quasi sempre, olhando os caixeiros, procurando dizer muito mas sempre falando pouco, de tudo dando noticia e pouco sabendo, foi dos comerciantes que maior fortuna conquistou e mais simpatias fraia.

A tia Justa — a boa da tia Justa — mantendo a vida sua e dos seus com os lucros advindos da sua pequena loja, dando ás horas do mercado diario, por dez réis e cinco réis, o cafésinho quentinho e o respectivo bolinho. Para outros a aguardente com a infalivel amendoa dentro.

E ela solícita e carinhosa:

— Lá vai filho. Espera aí filho.

O Caneco, cabeçaço, teimoso, olhudo e desconfiado, passo pesado e voz cavernosa, de côco á banda, sentado da parte de dentro do balcão, erguia o vozeirão para os caixeiros, de quando em quando:

— Ali, dez réis de pregos de meia galeota.

— Ali, lá ali, ao outro dalem que chegou primeiro, os atacadores para as botas.

Bom no fundo, deixou fortuna com a venda dos atacadores, das fechaduras e dos pregos.

O Zé Lourenço da Praça, volamoso e mole, arrastando os pés de casa em casa, olhando como os criados atendiam a clientela que ia ao seu habitual café-paleio e á sua partida de bilhar. Casas largas e confortaveis, o café-bilhar do Zé Lourenço foi o centro do movimento artistico elvense, o nervo da bisbilhotice e da intriga cidadina.

Assim mesmo, molento e quasi inactivo, o bom do Zé Lourenço deixou fortuna.

E tantos, tantos commerciantes pachorrentos que eu conheci em negócios quitandeiros de dez e cinco réis, ganhando ventre e cobres sem novidade de maior.

\* \* \*

Berrava a imprensa local numa propaganda desvairada em defesa das máquinas *Memória* que o Mendes vendia; do outro lado o Paiva que vendia as *Singer* hossanava estas e colocava aquelas em plano de vergonhosa inferioridade.

Paiva e Mendes eram dois gatos arranhando-se em garantias na defesa de sua dama; mas entre bastidores abraçavam-se e lá desfiavam suas meadas. Vida de comércio, tem que ter seus efeitos nos outros por causa das... causas próprias.

Mercado farto, aquele a que chamavam a praça diária. Legumes, frutas e hortaliças, peixe, carne, aves, quinquilharias, tudo numa abundância de pascar. Meus encantos, porém, eram as gaiolas chatas e compridas onde os passarinhos expunham à venda a passarada canora que apanhavam. Um pintasilgo, um verdilhão, uma milheira, a dez réis a escolher.

A caça aos pássaros, á rêde, era o meu maior enlevo. Achava felizes os pobres pelintrões que governavam a vida na paz do socêgo, junto de um regato, colhendo de puchões de cordel, os incautos voadores que na ansia do banho estival ou levados pela sêde, baixavam ao castigo de suas necessidades. Bem melhor vida que essa de aturar o professor e ter de empinar a lenga-lenga dos livros.

O mercado semanal, ás segundas-feiras, esse, era, por assim dizer, o empório do alto Alentejo.

Tudo quanto Elvas e arredores criava ali se expunha á venda. Vinham de Portalegre as castanhas e os pêros de arregalar os olhos. De Crato vinham os queijos e as merendeiras, de mau cheiro atirando para transadação de pesanhos, mas saborosos como nenhuns outros. O aroma e o gosto nem sempre estão de acôrdo. Todavia, é certo que ha muito consolo, muito prazer apreciando fisiologicamente o que não se recomenda muito pelo cheiro. A natureza tem destas porcarias agradaveis a que não podemos fugir.

Elvas foi sempre farta em queijos, carnes, legumes, hor-

taliças e frutas. Terra privilegiada pela Natura e pela insistência dos homens, não é de extranhar essa abundância. Lavradores havia, como Bagulho, Abreu e Picão Fernandes, que possuíam rebanhos enormíssimos de ovelhas, aos milhares, que produziam o queijinho e o queijo até para exportação. Em volta de si a praça de Elvas tem quintas e hortas que são de uma aberridade espantosa e uma suprema delícia para os olhos e para o espírito.

E as ameixas famosas e universalmente saboreadas, dos manos Guerras?

E as azeitonas carnudas e gradas, de fama mundial?

\* \* \*

Postos de parte, por vontade de seu dono, os trens de aluguer do Tenorio, ficou como marechal comandante dos meios de transporte para Borba, Estremoz, Vila Viçosa, Vila Boim, Campo Maior, Badajoz e carreiras diárias para Fontainhas — estação ferroviária — o obeso e patriarcal patrão Carvalho, figura simpática e alma bondosa naquele arcaboijo herculeo e com a mentirosa aparência de Ferrabraz.

Falara-lhe meu pai na permissão gratuita de transporte diário, meu e de meu irmão, entre Fontainhas e Elvas, para frequência escolar, atendendo á distancia de tres quilometros.

Parece-me estar a vê-lo, apromado e grande, ordenar ao João, ao Lagartixa e ao Ceguinho para que nos arranjassem lugar no trem, ainda que fosse na boleia ou no tejadilho em ocasiões de enchente.

— Estas crianças não podem deixar de vir á escola. Sou amigo deste homem (meu pai) e ele quiere que os filhos sejam gente, apesar de pobre.

O cocheiro João, pachorrento como Job e filosofo como Budha, era homem para vêr cair o sol á seus pés sem um pestanejar sequer, de aflição.

Era o *sua incelencia* no tratamento para os passageiros que ele rapidamente antevia capazes de respeitavel gorjêta.

Sorridente, cuidadoso, conselheiro, era mel a derreter-se até ao momento da esportula. Se esta falhava, o João não se irritava. Coçava na cabeça vendo afastar-se o passageiro e evangelicamente concluiu:

— Falhou. A's vezes falha. Paciencia.

Se o passageiro era da escumalha, pelintra escarrado, com todo o *rictus* de pobretana, a atitude era cordata, muito séria:

— O cavalheiro sabe que são seis vintens? Está bem. Já sabia? Ora essa! Peço desculpa.

E lentamente ascendia ao trono em que pontificava de rédeas e pingalim e lá fazia voar os tres cavalos por sobre a nivelada e sempre lembrada estrada das Fontainhas a Elvas, condazindo passageiros e malas do correio, cortando ou á direita, pela ponte das Hortas, para entrar pelas portas de S. Vicente, ou seguindo pela estrada nacional para mais alem rodear e enfiar pelas portas de Olivença. Belo pulso de rédea e tão firme e expedito que pelos pequenos taneis das portas da cidade condazia o trem e cavalos, com uma precisão e velocidade que assombravam.

Eram estes os seus percursos diarios, de manhã e ao entardecer, numa missão de dazias de anos, sempre pachorrento e atencioso e sempre chapando charutos de compra ou de oferta.

\* \* \*

Como fita projectada em *écran* eu procuro fazer vertiginosamente passar a alma elvensê, o nervosismo do seu meio nesses tempos de mocidade menos licenciosa, de puerilidades que eram a seiva de um ambiente pequeno e cheio de vibração, todavia.

Recordo aqui as noites de encanto musical em que a orquestra magistralmente dirigida pelo saudoso temperamento de artista que se chamou Gama Lobo, nos proporcionava serenatas por altas noites luarisadas e silenciosas, forçando-nos ao erguer da cama, lestos, maravilhados, deslumbrados.

Que grande alma de musico acalentou Elvas por esse tempo! Quem não conhecea, quem não ouvia falar desse boémio impenitente, feito tropa de linha, deslocado do seu meio, que era a musica, suportando castigos por amor da sua deusa Santa Cecilia, do seu querido Orfeu, do seu amoroso Chopin e de tantas outras garras que o seguravam e o faziam alhear de tudo o que era função official? Doente, sofrendo atrozmente do estomago, era corrente vê-lo através de martirios fisicos cantar com a sua voz abaritonada e dedilhar com suprema habilidade na viola ou na guitarra, ou manejar brilhantemente o violino ou o violoncelo e até mesmo o harmonium rudimentar que em suas mãos era a mais melodiosa e custosa das concertinas!

A vida tormentosa e grandiosa deste modesto musico e compositor mereceu-me paginas especiais num outro livro que trarei a lume em qualquer outra oportunidade.

Simões Barbas, filho de Elvas e grande autoridade no assunto, professor de musica distinctissimo em Coimbra nesse tempo, tinha por Gama Lobo uma veneração sem limites.

Conheço chefes de bandas militares, muito afanos de seus galões, que não passam de apagadissimas sombras em confronto com o brilho gigantesco desse homem que tantas e tão justificadas simpatias conquistára.

Por esse tempo tambem fez época o José Erse, emerito tocador de viola, tirando dela harmonias inesqueciveis. Boémio simplorio, de viola a tiracolo ele lá ia a festas e bailes de sala ou de candeia, a divertir gente estranha e numerosos amigos pelas hortas e a promover concertos em locandas que lhe aprazia.

Se adregava juntar-se com o Pote, famoso tocador de harmonium, então era certo alvoroçarem e segurarem amigos e estranhos perante a magia de seus caprichosos e improvisados concertos.

E bebiam, bebiam sem conta nem medida, sem todavia perderem a noção de seus méritos.

Grandes artistas e grandes toneis, na verdade!

\* \* \*

Deliciosas tardes de touros nos deram os amadores elvenses, tardes de bom sol e de entusiasticas vertigens, tardes de destreza e de valôr. A velha praça de alvenaria regor-gitava de espectadores, destacando-se do conjunto o berrante de côres e de moças frescuras das damas que ali iam aplaudir com seus sorrisos e premiar com suas ofertas os galhardos toureiros de favor.

Habeis em extremo, José Mouta e Luiz Coato sobretado, os amadores ofuscavam com decisão o brilho barato de muitos profissionais da tauromaquia. José Mouta era bem o toureiro viril, arrojado e elegante, manejando com garbo hespanhol, garbo de espada categorisado, a capa e a maleta e collocando com pericia de mestre consumado pares de bandarilhas que a vozearia doida do anliteatro coroava como não mais tornei a vêr.

Luiz Coato, mais prudente e reflectido, não deixava, todavia, de brilhar pela elegancia com que erguia os braços para collocar em *su sitio* monumentais pares de bandarilhas.

Estas eram as touradas aristocraticas, perfumadas de fausto e de convencional sangue azul, em que os proventos bemitos iam materialmente saavisar as difficuldades financeiras das casas de caridade. Dentro do exhibicionismo e da vaidade tanto da eleição viciosa dos corações trasbordando seiva nova, havia o fundo de beneficencia que os mais criticos e pessimistas tinham de respeitar e admirar.

Mais em baixo, os filhos da humildade, o sangue môço dos simples, tambem de quando em vez agitavam a cidade com espectaculos desta natureza, com o mesmo entusiasmo dos outros e com os mesmos intuitos generosos. Neles revelavam vocação que provocava agradabilidade e prazer communicativo Santos Pimenta e José Sanguinho.

A estes espectaculos succediam-se os teatraes, promovidos por amadores correctissimos que faziam vibrar as platéas

por mais exigentes que fossem. Faziam rir ou chorar, como era mister, cingidos á arte, vivendo de seus genios amorosos no campo da emoção.

Gentil e Anibal Velez, Beatriz e Clotilde Xavier eram os elementos primordiais desse tempo. Consolava vê-los representar, fazendo esquecer as misérias de scena de certos pantafaçados que em grupos invadem a provincia para a explorar sem escrúpulos, sem dignidade, sem merito.

E por falar de teatro ocorre-me lembrar Vasconcelos Massano, perfeito ensaiador, fino por temperamento, intelligente e culto. Poliglota por assim dizer, conhecia com segurança, alem da arte de Talma, a cenografia, a musica, a poesia, a litteratura e a arte militar. Falo deste homem nam outro livro que tenho em esboço e em que tambem trato do malogrado Gama Lobo.

Quem conheceu Vasconcelos Massano como homem de salão, alto, distinto, erudito e critico, conversador edacativo e arbitro da sociedade local e quem o viu nos ultimos tempos, caquetico, aleoolico, aspero e odiento, devia ter sentido uma grande desolação ao reconhecer que é bem certo que os grandes talentos, os homens que dispendem ao maximo de sua potencialidade as energias que os caracterisam, teem quasi sempre uma finalidade grotesca, ridicula, lamentavel.

É bem lamentavel que tambem foi a finalidade de um outro militar talentoso, satirico, feixe de nervos estoirando doidivanees, que se chamou Perdigão Pimentel, o «Estimarei» portuense, o estoivado madrigalesco dos bailes, o conquistador positivista ou sonhador das beidades de Elvas, no seu tempo, naquele tempo em que até as pedras das calçadas riam da sua graça de *dandy* quando ele passava rojando baralhentemente a espada, dando vida ao rosto algo feio, com o eterno sorriso de Lusbel.

Vi-o depois em capitão no deposito disciplinar no Forte da Graça. Metia dó, infandia lástima. Corroído pela sífilis, amarrado, arrastando os pés, rabujento e provocador, sarcastabrutal, a-meia altura da vida era bem um octogenario

escanzelado, um fantasma horrído do passado de estardia espiritualizadora e atraente.

\* \* \*

Estoa ainda a vêr, mas com os olhos da memória, tipos exóticos ou alidalgados, excêntricos ou filosóficos, que a terra de ha muito devorou e que as gentes dêsse tempo jámais esquecerão. Era nisto sobretudo, na animação e destaque de certos naturais, que Elvas comprimida pelo amarelhado ininterrupto que as guerras dootrora exigiam, marcava o sea meio como cidade de maiores dimensões.

Dentro da sua modorra distinguia-se, porem, pelos salpicos agitantes de certas criaturas da *élite* arrevesada pela filosofia de que usavam.

Eduardo Pimenta, medico militar distincto, prosador e poeta vigoroso, enchia as ruas com o barulho silencioso de sea *aplomb*, dos seas grandes bigodes hasteados e sedosos, seus passos largos e cadenciados e infalivel flôr espalhafatosa na botocira. Verboso e comunicativo, alegrava sempre, falava sempre pelos outros, falava uma semana inteira, sem cessar, se fosse necessario.

Manuel Caiola, aspirante das alfandegas, o homem feliz, o boémio feliz, o divertido feliz, tinha a vida como coisa passageira contanto que as poalhas do garridismo, da troça e da gargalhada pairassem sempre á volta de si, de seus feitos, de suas piadas, do sea trajar.

O sea trajar!

Vi-o uma vez chapando, como de costume, o sea tipico cachimbo avantajado, atravessar distraidamente as ruas para mostrar a vestimenta que maquiavelicamente se lembrara de mandar fazer. Se duvidarem de minhas afirmações invocarei o testemunho numeroso dos que desse tempo ainda existem. Chapeu alto, fato, camisa, gravata, meias e sapatos, tudo de tecido azul e branco, em xadrez, aos quadradinhos. Lembra-se surpreendente figura carnavalesca. Outro homem que

não fosse Manuel Caiola teria sido vaiado pelo povo, corrido á pedrada pelos garotos.

Não havia a libertinagem de hoje, se bem que tal véstia seria ao presente ainda motivo para assuada e troça. Deu brado, provocou ajuntamentos, agitou criticas amenas, mas ninguém pensou em melindrar aquele que só vivia mergulhado em graças e estroinices.

E' provavel que tivesse morrido a rir, como a Maria Rita, o bom *vivant* do Manuel Caiola.

Pois se ele quiz oferecer de uma vez aos amigos um espectáculo de alta prestidigitação e conseguiu-o maravilhosamente.

Ao encerrar o espectáculo lembrou-se de comer as proprias velas de stearina que ardiam sobre a mesa. Eram nada menos de cinco velas. Grande pasmo e grande repugnancia.

O resto da ultima vela ofereceu-a a um petiz insistindo para que o comesse. Muito comprometido, mas depois com alegria, o garoto acabou por dizer que a vela era dôce.

Confecionára-as com leite e assucar tendo na parte superior — a que ardeu — uma pequena camada de stearina.

Só não lhe perdôo a idéa grosseiríssima — a meu vêr! — que levou a effeito através de imensas difficuldades e perseveranças, de tirar fotografias em traje da mãe Eva, o *nu ortístico*, de uma menina distinta com quem conviveu por uns dias. Com suas frases adoraveis e convincentes affirmára-lhe que essas fotografias ninguém as veria e que bem fechadas as levaria consigo no caixão.

Não tardou muito que perante farto numero de amigos que convidara para uma festa, entre outras surpresas, projectasse por meio de uma lanterna mágica, as tais fotografias secretas e que levaria consigo para a sepultura.

Calcule-se o escandalo.

Se a idéa foi brutal, a exposição foi um acto brutalissimo.

Samuel Baptista, rechonehudo e remechido, sempre de frack cajas abas adejavam com o vento e os saracoteles, era o sabe-tudo local.

O seu jornal, «Sentinela da Fronteira» creio eu, de tudo informava, de tudo dava nota. Rosto de rotalagem ilustrada da farinha Franco, denunciava argúcia, observação e também sofrimento. Vivia mal, era a imprensa jornalística que, com seus anúncios e seus reclamos, o governava. Mas sempre denunciando jovialidade e amistosidade e sempre em questões políticas ou particulares mostrando absoluta concordância para a direita e para a esquerda, achando razão a todos, não fosse caso que alguma o prejudicasse na sua vida entrecida de sacrifícios materiais.

Um dia ofereci-me para correspondente do seu jornal em Campo Maior, minha residência então. Respondeu-me que aceitava, com mil gratidões. Sómente lhe não disse quem era, nem a idade que tinha. O noticiário local promoveu-lhe farras assinaturas e alguns anúncios. Armei em crítico, em analista, em comentador.

Mas um dia uma das minhas críticas, por mordaz embora justa, foi como um segundo incêndio de Troia. Ataquei uma filarmónica que primava pela indolência. Houve protestos para o jornal e ameaças para mim. Quanto a mim, resolvi o problema não saindo de casa até que a trovoadá passasse. O pior foi que Samuel Baptista, para não sofrer prejuízos, lembrou-se de ir a Campo Maior para me entrevistar e amainar a tempestade. Indicaram a minha morada. Quando meu pai me chamou para me apresentar a Samuel Baptista, este estarrecido perante a minha *miudeza*, daídoa. Expliquei a minha maneira de vêr perante os acontecimentos e sua cara. Samuel obtemperou:

— Isto é o diabo. Eu julgava que o corresponsente, pelos seus conceitos e pelo alcance das críticas fôsse algum ancião de longas barbas brancas. Afinal... Afinal... O menino quantos anos tem?

Eu, muito inchado, respondi:

— Tenho treze anos.

Samuel emudeceu por instantes. Depois cõfiando a grisa-

lha p'ra de major reformado sorria e como *gentleman* cumprimentou e saiu.

No dia seguinte eu era em carta destituído do exercicio de minhas funções de correspondente enquanto não atingisse a maioridade.

E com a publica declaração do meu afastamento do seu jornal, em protestos formais de grande amôr aos excellentissimos senhores filarmonicos, que o bom Samuel engendrou, a paz do Senhor voltou á sua consciencia aflita.

Essa declaração feria o meu orgulho de *jornalista* mas salvou-me o corpinho de uma prometida tarefa por parte dos irritados musicos.

Dois pernaltas de tomo, dois famosos professores de equitação enchiam a rua nos seus submissos cavalos, embora sempre fogosos, fazendo-os estalar as ferraduras nas calçadas como matracas asperas e dissonantes. Montadores do tempo da escola de D. Diniz, senhores da arte de bem cavalgar em plena sela, suas pernas enormes e rigidas quasi tocavam o solo. Cavalaria do tempo, tão banida desde que a moda inglesa dos joelhos proximo da bôca e o dôrso a tombar para a frente cá assentou arraiais. Atilano e Santa Clara, eram eles os pontifices maximos da equitação.

Basofientos mas bons, durante o dia percorriam a cavallo dezenas de vezes a cidade e arredores, parando aqui e além para discautirem méritos e raças cavallares, agitando a direitissima, maleavel e tradicional varinha de marmeleiro.

O José Lopes, traquinas, irrequieto, organizando empresas que morriam á nascença, fugindo á familia para lhe criar cabelos brancos e tornar-se de improviso, mas com grandissima habilidade, em prestidigitador, em ilusionista, em excêntrico. E quasi a seguir, mas sempre irrequieto, abandonava essa arte e tomava outra e outra, sempre com chiste, sempre com galanteria. A onda da boémia e do desvaio passou e eis que se tornou sério, comedido, um José Lopes que procurava com a esponja da experiencia apagar os traços luminosos e poderosos do José Lopes, do passado.

Isso sim, amigo! A mocidade estuante, endiabrada e insofrida, é padrão que o tempo pode ofuscar e enegrecer mas que nunca consegue destruir. É ser boémio que agita e enternece, em plena mocidade, é viver a vida como nunca mais.

\* \* \*

Como flôres também raras pelo seu perfume esquisito destacarei do canteiro elvense de ha trinta anos, o comendador Eusebio Nanes, alto, direito, contamelico, de estadada e cautelosa diplomacia em politica, sempre de sobrecasaca e chapeu alto, sempre procurando servir-se da inteligencia menos preparada como instrumento de calculo e artificio contra os adversarios politicos. Pouco ilustrado, mas correcto e conceituoso nas expressões, sabia salvar-se e defender-se muito bem em momentos de aperto literario. Pessoa muito respeitavelmente na balança politica local e foi solido amparo de muita gente, ou por filantropia sem reservas ou por alcance de triunfos em momento asado.

O doutor Pompeu Mirabeau, de rosto rosado menineiro, de sorriso fidalgo e passo e pé miados, comentador jocoso, tão simples e bem intencionado que sentia sempre repugnancia e horror em proceder a operação cirurgica, apesar de exercer clinica.

O padre Vasco, forte e elegante, torrente a falar, tarbilhão a discatir, sempre a girar, sempre a cumprimentar, com coração simpático mas austero, tudo parecendo menos o que era — ministro da igreja.

Dois grupos de officiais militares existiam ao tempo e que frente a frente poderiam considerar-se o passado caserneiro e o presente borrifado de levesa. Para os conhecedores do *metier* um grupo era o faiscar de relampagos em trovoadas atoadoras; o outro grupo a primavera em botão, morna e festiva. A pata pesada e que esmaga; a mão enlavada e que auxilia. O regulamento como chicote que fastiga e atordôa; o regulamento como recurso unico, mas avaliador e transigente.

A caserna rotineira, asfixiante, enervante, transadando a escravidão e desprezo; o quartel arejado e alegre, passageiro e esperançoso.

Primeiro grapo: capitães Pote, Leopoldo, Passos e Soasa e tenente Leitão; segundo grapo: alferes Costa e Silva, Nunes de Andrade, José Duque e aspirante Viriato Borges.

O resto grocuarava, sem querer, manter-se em equilíbrio entre a rotina bafienta e o modernismo despertante.

\* \* \*

Zé Guerra, vivo ou morto, tens de figurar aqui. Mal ficaria que nestes bosquejos o teu ser não tivesse guarida. Foste do meu tempo, tiveste a vida que as gentes te conferiram na sociedade local. Pertences ao domínio da história privativa dos elvenses de há cerca de trinta anos.

Não te pertences por egoísmo banal, nem aos teus. És de todos, tens que ser pertença minha nesta altura, por consequência.

Bossuet, se te conhecesse, traídar-te-ia no papel.

Perrault, se fôsse do teu tempo e te topasse ás mãos, levar-te-ia, infalivelmente, a personagem ridícula de algum continho engraçado.

Escapáste deles mas não conseguiste fugir aos bicos rombos do meu pobre aparato. Não por mim este exibicionismo. Os outros que aqui figuram voltar-se-iam contra a minha parcialidade, com carradas de razão. Agora, depois do exposto, descalçarei a lava e direi de meu saber em nome da austeridade histórica que me vigia.

*Táti-bitáti* no falar, possuía, para arrelia sua e dos seus, exageradíssimos pavilhões auriculares. Em meio segredo era Zézinho Orelhas, com o que ele dava refinadíssimo cavaco se um ou outro garotito o atingia com a aleunha. Pragaejava a medo, muito vermelho, com receio de que o assomadiço atacante lhe arrancasse os pavilhões ditos para farto guiçado.

Sempre no rigôr da moda, de monocelo pendente de fita de sêda, de flôr rara e grande, namorava em recolhido silencio varias deidades da terra.

Fitava-as de soslaio, cautelosamente, com seus olhos enormes e mortiços, para furtivamente sorrir numa abertura dos carnados e extensos labios. Ele namorava, é certo, mas as requestadas, ignoravam-o.

Pobre Zézinho!

Pobre *dandy* exótico, cheio de perfumes e distinções, senhor de bens de fortuna, virginal como as coisas mansas, as aves e as crianças, segundo Janqueiro, limitava-se em sentir idealmente penderem de suas orelhas para cima de cem contos.

Eis porque muita gente olhava com respeito as suas respeitaveis orelhas.

\* \* \*

Grande sabio, grande latinista, enganando com seu aspecto concentrado, bisonho, taciturno. Renitente a convivios faustosos e até mesmo humildes, tinha uma vida reparavel, misteriosa, lamentavel.

Conhecia e explicava Horacio e Virgilio com a mesma facilidade com que se esquecia de que era homem. Vivia só. Fugia de quem o procurava para aprender, para ouvir maravilhas de eloquencia da sua bôca.

Mas diziam que pela calada da noite, como fantasma, via-se deambulando pela cortina das muralhas, muito embaçado na sua capa á hespanhola, em procura de exóticos productos viciosos, tenebrosos, em cata de diversão macabra dos sentidos morbidos, em demanda da satisfação de seus instintos embebidos nos dominios da nevrose patologica.

Já no declinio da vida, caquético, coreovado mais do que nunca, babujento, metendo dô e collocando-se por vezes em situação deprimente, era vulgar provocar o sorriso da soldadesca na sua passagem.

Almas de eleição, em logares de destaque, salvavam-o

sempre de precalços, pondo de parte os momentos míseros do seu físico, como homenagem á aureola brilhantíssima da sua cultura mental, inconfundível.

Como se chamava esse sabio extranho? Conhecceu-o a Elvas do meu tempo, de ha tres dazias de anos. O seu nome... não me ocorre...

\* \* \*

Sou do tempo do chinquilho, é verdade. Do jogo da malha sem orifício, deslizando pelo solo até ao chito ou fito. Apesar de não ser velho, manda a justiça que se diga que nesses tempos não havia *foot-ball*. Talvez que por isto eu sinta amor pela chapa de ferro e uma certa aversão pela bola. Bem sei que o meu desporto é obra para mangas de camisa, nas hortas, sob a égide do copo de vinho e do charuto, enquanto que o outro é exercício mais nobre, mais higienico, mais atraente. Para mim ha apenas uma ligeiríssima diferença que me dá ganho de opinião. Até hoje não conheci nenhum *chinquilheiro* tuberculoso por efeito de tal exercício, nem parecido com as canelas rachadas ou as ventas partidas. Os professores de educação física (outrora mestres de jogos ao ar livre) fazem uma meia careta de desdem quando se lhes fala na arcaica e veneranda malha-chinquilho.

Não aprovam nem condenam, como explicava o padre Antonio Vieira. Mas se lhes assopram os timpanos com as odes ao *foot-ball*, toda a sua dialética é superabundante de elogios. Oh! Não me creiam reaccionario ou rotineiro. Sou homem do tempo que corre. Sómente não corro ao encontro de determinadas manifestações do progresso desde que me convenci que em jogos e modas os arbitros são muitas vezes uns cavalheiros que por merecê de benevolencias se chamam homens de talento, criaturas de jaizo.

Seja como fôr, sou chinquilheiro. Tenho nessa arte a minha corôa de glorias. Sou um Antonio Cabreira do chinquilho. Alentejano de tempera viciosa da malha, encho-me

de repugnancia quando os arbitros dos modernismos desportivos, desmijolados, sem rubôr nas faces, nem coração no peito, ousam classificar de nobre arte essa coisa de dependurar um homem do *ring*, escorrendo em sangue por mercê de alentados marros desportivos que o colega emulo, doido de triunfo, lhe despedia para ganhar contos de réis e ovações descomunaes por parte dos milhares de adeptos. Os quaes adeptos não teem pejo, em nome da nobre arte do sôco, em pôr o estomago de reserva e vender as ceroulas para irem aplaadir o esmarramento.

Mas voltêmos.

O chinquilho era o entretenimento domingueiro dos operarios, dos rurais e até de outras corporações mais circunspectas. Jogava-se tardes inteiras com entusiasmo, que tinha seu remate no aparo de pagamentos representados pelo copito ou pelos charutos de dez réis, «Brêvas» especiais do tempo. Era o menino bonito dos jogadores, disputando-me para pareeiro. Como tinha o treino diario na propria quinta em que residia, facil se me tornava, como o caçador habil, em derrabar o chito sempre que despedia a malha, que ficava na *cama*, como se dizia... Nunca falhava. Faziam de mim o cabeça de turco e no final, como não bebesse nem famesse, ofereciam-me rebuçados ou castanhas assadas.

Em Fontainhas jogava-se com *entrain* todos os dias. Havia apostas solênes. Morava ali um hespanhol, agente internacional, chamado D. Manuel Calvo. Fanfarrão como todos os hespanhoes, era todavia franco, generoso, bom conversador. Tinha uma ninhada de filhos. A sua casa era um albergue. Pois apesar de imensas tentativas e calculos e de frequentes exercicios, era sabido que malha que o D. Manuel lançasse com toda a intenção de tocar o chito ia infalivelmente *voar* para qualquer dos lados do campo do jogo.

E através de gargalhadas e de fugas lá estava a malha a visitar a cabeça de algum assistente.

Desculpas, explicações, ás vezes curativo, e a promessa orgulhosa e forte de não mais jogar. Mas no dia seguinte a

scena repetia-se. Nunca vi coisa mais desastrada ao jogo do chinquillo.

\* \* \*

O club era, como o nome o descortina, o centro da aristocracia, o aveludado conforto dos senhores que na escala das heraldicas marcam até ao mais alto furo, embora em muitos a heraldica fôsse apenas um heroismo de farça.

Mas o club pertencia-lhes, quere os pergaminhos fossem de autentica vitelina, quere eles tresandassem a pele de raposa.

Um alferes, mesmo de galão branco e de letras gordissimas, tinha ali acolhimento. Um filho de lavrador endinheirado era recebido pelo velho continuo Correia, com a tradicional e manhossissima curvatura de dôrso. Se nesse tempo já existisse o *Conde-Barão* dos rapazes foliões de Lisboa, era caso para o Correia ser insultado pelo lavradoreco, sómente porque tinha o atrevimento de se estar a agachar na sua passagem.

Um sargento ilustrado, um caixeiro culto, esses passavam de largo. Não tinham lá entrada.

O Gremio Artistico era o quartel general da burocracia, dos artistas operarios já patrões, dos caixeiros e comerciantes e dos sargentos.

O curioso era que em noites de bailes a fidalguia *real*, comprada ou emprestada, fugia do club deixando o seu baile aveludado e môrno e vinha divertir-se para o Gremio, dançando com as filhas do povo, no á vontade que o club espartilhado e pergaminhado não tolerava.

O Recreio era a outra e ultima casa de distração.

A mesma gente do Gremio, pouco mais ou menos.

Neste caso foi mentor o Carvalhinho dos olhos escuros, criatura cheia de graça, dogmatico jogador do solo e conselheiro ameno dos transviados. Jogava, bebia o seu calice de aguardente, predicava e saía alta noite, sem falhar uma noite sequer.

Era o *carola* do Recreio, como diziam.

\* \* \*

Mais as vozes que as nozes. Lá, como por toda a parte, em se falando de edificios teatraes caía toda a gente a vergastar a sovínice elvense que deixava viver, sem substituto condigno, aquele esearro que era a casa de espectaculos dramaticos e que dava pelo nome de Casa das Bareas. Um casarão militar de pedra e cal, dentro do qual o madeiramento formou caixinhas — que eram os camarotes — e umas meias caixinhas inferiores — que eram as frizas. O centro constituido pelo fecho de tudo isto era a plateia. Ao fando havia um espaço formado pela parede do predio e um taboado vertical e pintalgado, junto do qual descia e se levantava um pano. Era o palco. Varias caixas de madeira arramadas ás paredes constituíam a bilheteira, o botequim, o bengaleiro e os camarins.

Coisa ordinaria, simplicissima e muito provisoria, é certo. Mas o barracão inestético teve a honra de dar guarida a companhias portuguesas e de zarzuela, muito apreciaveis. Não havia obra melhor. Quem procura difundir ou expôr arte em homenagem á conquista do dinheiro, pouco se importa mostrar meritos dentro de caixotes ou em palacios doirados. Por lá passaram homunculos de Talma que descaroavelmente sabiam impingir méritos por banha de cheiro. E' prática seguida a provincia aguentar o esfregão do talento. Os senhores actores julgam-se quasi sempre desobrigados de servir a provincia com os cuidados que a capital lhes impõe. Por sua vez as plateias provincianas raramente reagem, ou se reagem fazem-o com importanidade caíndo no ridículo. Recordo-me que Mercêdes Blasco, na sua época de exhibicionismo retumbante, fresca de gestos e expressões e sobretado de vestidos, visitou uma vez Elvas e, num entre-acto, cantou fados. Foram as primeiras manifestações de frescura teatral lisboeta em terras de provincia. O preconceito julgou-se esbofeteado. Os pais abespinharam-se, as mães córaram e as meninas abriram mais os olhos. Os intellectuais de bom trajar olha-

ram-se indignados. Mercedes Blasco, de pernas trocadas para suporte da guitarra, mostrando as pernas um pouco acima dos joelhos e deixando vêr os delineamentos dos seios, cantava de olhos em alvo e sorriso brincalhão. Horror! Quando terminou, se ergueu e em seguida se curvou senhoril aguardando a girandola apoteotica das palmas, ouvia uma destas pateadas que deixam nome no fôro dos bastidores.

A plateia elvense acabava de castigar o desafôro de uma actriz de nomeada, é certo, mas uma actriz atrevida.

Mercedes, curvada ao peso da pateada, foi recuando até que o pano desceu. Artista ilustrada, suportou ali, como lhe cumpria e reverentemente, a opinião do auditorio. Admirou-se depois e, sofrendo o insulto, aguardou o dia seguinte, em que voltava a representar por obrigação do seu contracto.

Ao segundo espectáculo, contra a expectativa dolorosa do empresario e a esperança desolada da companhia, o teatro estava literalmente cheio.

Grande enigma da psicologia humana!

Mercedes representou um qualquer papel de salaia numa opereta. Foi aplaudida com certa reserva.

Em acto final, a sós, Mercedes appareceu vestida de lato rigoroso. Vestido de cauda, manga até ao dorso das mãos e gola até quasi às orelhas. Vinha triste de aspecto. A plateia sacumbia de espanto e parece que de remorso pelo que fizera na vespera. A orquestra rompeu dolente, melodiosa.

Mercedes, sintetizando amargura, num jogo fisionomico aterrador, cantou uma canção em francês, que pouquíssimos aqui e alem compreenderam. Foi soberba de gesto e de postura. Ao terminar, levando o lenço aos olhos e soluçando, curvou-se. Os assistentes, de pé, emocionados, deram demoradamente e freneticamente palmas, numa colossal e memoravel ovação. Caído o pano, Mercedes encolheu os hombros, sorria e dirigiu-se para o camarim.

No dia seguinte, de manhã, a companhia partia para

Lisboa. À' partida, alguém que lhe ouvira a canção francesa disse para uns amigos:

— Mercedes Blasco desafiou-se brutal e irónicamente. A canção francesa era letra dela, Mercedes, num improviso admiravel em que de fio a pavio ridicularizou o publico elvense acabara por dizer que os elvenses tinham cara de queijo londrino. Eu percebi e calei-me. Agora que partia já o posso dizer.

E no dia seguinte os intellectuais de bom trajar andavam com uma cara que lembravam cadaveres examados.

Mas Mercedes não mais voltou a Elvas.

\* \* \*

Era assim

Eu sou o Pico  
O grande Pico  
O Pico imenso.  
Eu o Nanes confeiteiro  
Eu das noites o silencio

.....  
.....

Ou assim

Rustica camporesa  
Sou porem jovial  
Dos campos a princesa

.....  
.....

Ou mesmo assim

Acto continuo o pandilha  
A fugir endiabrado

Quebra às rédeas, parte a silha  
 Escorrega num valado  
 Da albarda se desliga  
 E ca muito atrapalhado  
 Apareço escarranchado  
 Por debaixo da barrigal

.....  
 .....

Espirito scintilante, boémio vivaz, feixe de nervos, olhar vivo através das lanetas, a si mesmo se intitulava o grande Pico, o Pico imenso e afinal, vai-se a vêr, é um Pico franzino e pequenino, onde se abriga uma alma lhana e um cerebro potente. Era no seu tempo de sargento um pouco de Gervasio e de Julio Cezar Machado, seguindo a escola alegre em que tanto se evidenciou depois, ha pouco, o malogrado André Bran.

Adorava Elvas, o seu meio alentejano, a rapaziada do seu tempo, os seus amigos, os seus admiradores.

Teve-o caçadores 8 como sargento fino e folião, criando alegria, prodigalizando diversões, remechendo, agitando, cocogando, como se fôra um temperamento de aço, ele, que era uma avesinha débil e saracoteante.

De uma graça expontanea e pronta, a sua conversação encantava e os seus eseritos provocavam gargalhada pelo feitio jocoso de que os impregnava.

Fado da vida, lei do Destino, Alfredo Pico acabou por se deslocar do seu temperamento para se oferecer á vida banal, mas necessaria, da materialidade charra, militarizando-se a valer com os seus galões, sempre sabindo, com grande gaudio do seu estomago e com grande perda para a literatura.

Foi pena que o nosso *Cipó* das charadas e dos enigmas, dos versos rescendendo verve e por vezes mordacidade, não quizesse marcar o seu logar no mundo português como escritor de pulso e cheio de graça.

\* \* \*

Abri esta parte do livro com um leve descritivo das festas ao Jesus da Piedade. Fezha-lo-ei citando aquelas festinhas harmoniosas e simples, em loavor do Senhor dos Aflitos, da Senhora da Paz, da Senhora da Conceição, da Senhora das Dôres e do Senhor da Boa Fé.

Durante o dia percorriam a cidade rapazitos leiloando fogaças em beneficio do santo ou santa de festejo. Eram coelhos, pombos, galinhas, galarões respeitaveis e varios dôces, tudo com adornos de florinhas ou lacinhos de fitas garridas, de sêda. Missa da praxe e sermão conforme a paga.

A' noite a sociedade elvense divertia-se junto da igreja. As senhoras pesadas *bisbilhotavam* ou cabeceavam; as meninas casadoiras, junto das mães, sentiam que as cadeiras onde permaneciam as espicaçavam, nervosas e comprometidas sob as olhadelas de Adonis atrevidos ou de apaixonados sentimentais. Janotada e gente do povo passeavam acotovelando e farando em basca do insipido passatempo de andar durante horas calcando a mesma carterza de terreno.

De quando em quando, para despertar da modorra, a filharmonica despedia estafadas árias e o Lino fogateiro chegava o morrão ao canudo polvorento das peças de fogo de artifício. Zás, catrapás, che...e...e...e...e...pam...pam...pam...

E em remate a sarrafada da geringonça mostrava uma rosa, um boneco, uma estrela, etc., com grandes ohsl e ohsl do pagode, ante o desenho e as lazinhas brilhantes.

A' meia noite, esfregavam-se os olhos e recolhia-se a Penates.

The first part of the document discusses the general principles of the proposed system. It is intended to provide a clear and concise overview of the main objectives and the scope of the project. The document is organized into several sections, each dealing with a specific aspect of the system.

The second part of the document describes the detailed architecture of the system. This section includes a thorough analysis of the various components and their interactions. The architecture is designed to be flexible and scalable, allowing for future expansion and modifications as needed.

The third part of the document outlines the implementation plan. This section details the steps that will be taken to develop and deploy the system. It includes a timeline of key milestones and a list of the resources required for successful completion of the project.

The fourth part of the document discusses the testing and evaluation process. This section describes the methods used to verify the system's performance and to ensure that it meets the required standards. The results of the testing are presented, along with any identified issues and the proposed solutions.

The fifth part of the document provides a summary of the project and its findings. It highlights the key achievements and the overall impact of the system. The document concludes with a list of references and a bibliography of the sources used in the research and development process.

In conclusion, the proposed system represents a significant advancement in the field of [specific field]. It offers a robust and efficient solution to the challenges faced by [specific industry or organization]. The implementation of this system is expected to result in improved performance and increased productivity.

## Nas garras do alcool

A tragedia que passo a narrar servia bastantemente para o desenvolvimento de uma novela, uma daquelas novelas que são o brilho estilístico do autor e a reputação do genio. Como, porem, não vem para aqui a fantasia e a retorica, limitar-nos-hemos tanto quanto possivel a retratar os factos.

Famos arquipotentes do alcool, o insuflador brutal do odio e da alucinação em mentes de fogo, levaram um misero soldado a matar a tiro de carabina aquelle que foi uma alma peregrina, tão delicada e magnanima que até nos espasmos da agonia soube lançar seu gesto de perdão para quem lhe destruiu a vida em plena mocidade. O crime foi de pasmo e de horror, de retumbancia memoravel. Tão memoravel que ainda hoje, decorridos mais de trinta anos, a memoria dos de então o retem como se tal houvesse sido cometido neste momento.

Meios pequenos onde todos se conhecem e onde a criminalidade é esboço, o tragico perdura por muito tempo na memoria dos temperamentos affectivos.

Eu me lembro bem do aprumo varonil, do rosto simpatico do sargento Teles, passeando o seu cavallo garboso, fazendo-o estalar patadas firmes e nervosas, com relinchos estridentes de animal de bôa ração e folga e galas cabeccantes de impostor.

Havia n'esse tempo brando e pacifico da vida nacional

uma *élite* de 1.<sup>os</sup> sargentos em lanceiros de Victor Manoel, cavalaria de Elvas.

Eram como que flôres selecionadas da caserna, flôres que bem se destacavam do agregado militar pela finura do seu todo, do seu aroma, como se viessem dos jardins aristocráticos da Escola do Exército. Eram o Avelar, o Tavares, o Freitas, o Ferreira e o infeliz Teles.

Alguns d'estes foram já atingidos pelo alvião da morte, depois de terem mostrado como oficiais a continuidade do seu valor e da sua *póse* natural, inconfandível, conquistando amigos e deixando saudades.

Pois o sargento Teles estava de serviço ao quartel e, bondoso como era mesmo dentro do aspero e exigente ambiente da disciplina, não deixou que um soldado embriagado transpuzesse o limiar do quartel, para que cá fóra não dêsse a nota vergonhosa da sua farda aviltada e para que mais não se prejudicasse nos seus deveres militares. Percebeu o estado anormal em que o soldado se encontrava e por isso mesmo sensatamente procedeu não repriminando a sua conduta embebida em álcool. Não usou de rispidez, não o mandou prender. Nada d'isso. Foi conselheiro, foi como pai espiritual procurando, embora vãmente, falar-lhe ao raciocínio.

Mandou-o por fim recolher á caserna para que repousasse. O ébrio obedecia alvarmente sem proferir uma palavra sequer. Fez a continência e retrocedeu cambaleando. O sargento Teles continuou cheio de bonomica serenidade a passear pela parada do quartel, vigiando obrigações, dando instruções.

Pouco depois, velóz como côrça, brusco como investida de touro aguilhado, o soldado alcoolizado sargia na frente do seu admoestador amigo, ergueu rápido os braços á altura dos hombros, apontou-lhe a carabina ao peito e desfechou.

O sargento Teles, incapacitado de salvar-se perante a surpresa do ataque, recebeu o tiro em cheio.

Sem soltar um gemido, cambaleou um pouco, levou as mãos á cabeça e caía de bôrcos.

O soldado, aparvalhado, inconsciente, deixou cair a carabina e ficou-se como estátua caricatural, de hombros levantados e dedos esticados.

Como formigas atacadas no formigueiro, a matulagem das casernas irrompeu alvoroçada em direcção ao local do crime. Uns acudiram ao desventurado sargento, outros levaram de roldão o soldado para a casa da guarda, tomaram-se outras providencias energicas e rapidas e pouco depois o soldado encontrava-se a ferros no calabouço e o sargento Teles morria no hospital. Morria cercado de amigos, de camaradas, desde o soldado ao coronel, manchado de lagrimas, cumulado de carinhos, como creança idolatrada no seu leito de morte. Morreu sorrindo e perdoando.

Nervoso, de olhos esbugalhados, de mãos postas e olhando em direcção ao azul infinito, ajoelhado, o assassino rastejava frases:

—Metei o meu 1.<sup>o</sup> sargento Teles. Não sei como isto foi. Não sei... não me lembro...

E em extase, denunciando misticismo, quedava-se por momentos em fundo silencio apenas interrompido aqui e alem por nervosos arrôtos avinhados e esgares insignificativos de louco.

\* \* \*

Após o crime, a mulher noiva do morto soltava gritos estridentes evocando a vida que se perdera e a propria vida que por isso considerava tambem perdida. Metia horror o olhar desvairado, o cabelo em desalinho, quasi descomposta e segurada por pessoas de familia. Fôra-se da pobre senhora o sonho quasi á porta da realidade, porque uma realidade brutal a esmagara. Ao arrebatamento succedea o matismo, o torpôr, recusando alimentos, isolando-se, chorando durante mezes, numa interminavel deliquescencia. Emagrecera sensivelmente e só sorria, nam sorriso anémico de inveterada tristeza, quando fitava e aconhegava sofregamente ao peito o retrato do morto. Rememorava hora a hora, em soliloquio, a tragedia maldita,

recuando histrionicamente espavorida ante a visão mental do crime, para amaldiçoar depois o miseravel e cair de joelhos junto do oratorio, rezando por entre dentes, sôpro cavalgando por entre lábios, deixando rolar lágrimas que se revesavam pasmosamente.

Fugia durante anos de vistas estranhas, carregada de lato, definhada, macilenta, mandando a miude depôr flôres, muitas flôres, sobre a loasa do infeliz sargento.

Mas um dia, em hora de redenção dos sentidos e de deslambramento mentiroso, encostada um pouco ao parapeito da janela do seu quarto, olhou furtivamente a rua. Parecera-lhe que nesse fugaz momento uns olhos negros e expressivos a fitaram. Ergueu-se como epilética, cheia de terror e tombou sem sentidos. Caía de cama. Levava os dias encostada ao traverseiro, olhando o retrato do noivo ido, para o qual sorria num *rictus* nostalgico e desviando de quando em quando as vistas para a janela fatidica de onde vira uns olhos negros e meigos, como os do seu perdido amor.

E quedava-se, de rosto desfigurado e iluminado de sonho, a sorrir...

Logo que melhorou ergueu-se e procurou durante dias posição junto dessa janela, de maneira que olhasse a rua sem ser vista.

A meia tarde de um dia ouvia o calcar de patas na rua, calcar farto e lento de animal metodicamente ensinado. Alguem de distinção iria passar a cavallo, tal como aquele que perdera bruscamente. Querendo freneticamente vêr a ocultas, tomou posição quasi de joelhos, tremendo. Os seus olhos, imensamente dilatados, puderam vêr o rosto do cavaleiro. Era moreno, alto, desempenado, melancolico, másculo. Vestia farda de sargento de cavalaria. Quando o extranho personagem torceu um pouco o pescoço para fitar a janela ela viu-o bem e, sentindo perder as forças, deixou-se cair abandonadamente no chão. Recobrando alentos ajoelhou, premeu os olhos com as mãos como julgando sonhar e aparvalhadamente olhou em volta de si. Deixou-se ficar assim até que a mãe a veio erguer e aca-

riciar. Então numa crise de nervos, chorava e pedia que a matassem, que dela tivessem piedade acabando-lhe assim com as torturas.

A febre do delirio invadia-a com frequencia. Julgaram-a a caminho da demencia.

No dia seguinte ao da misteriosa visãõ do cavaleiro que passára, olhou a mãe com extranho interesse, fitou-a muito, fitou-a com demora e disse-lhe acarinhando-a amorosamente :

— Vi-o hontem, mãe. Se não endoideci momentaneamente, se os sentidos me não atraçoaram, eu vi-o hontem. Revivea ou mentiram-me dizendo que ele fôra assassinado. Ele fitou-me e eu não pude vêr mais porque sem forças tombei. Passou, na sua linda tristeza de sempre e sempre esbelto.

A pobre mãe sorrindo e enxugando as lagrimas, acalmoa-lhe os nervos.

— Sim, minha filha. Morrea. Eu vi desfilar o préstito ao fando da rua. Foi uma apoteose o seu faneral. Está tado consumado de ha muito. O que tu viste, o homem que te sarpreendeu e te desvairou, é um outro. Descobriste o que eu muito antes descobrira e calára. Esse homem é rigorosamente o prototipo do teu noivo. Se não houvesse morrido tambem eu affirmaria que aqui tem passado por vezes. O fisico é precisamente igual, a semelhança é rigorosa. Caprichos do acaso.

Ela ouvia-a em silencio, pálida, serena. Procurando forças e entusiasmos, volvea-lhe :

— Bemdito o horror da presença desse homem. Revivi para a vida. Que belo vêr nele a alma que julguei perdida. Amo-o indirectamente amando o outro. Mortifico consoladoramente o coração com a presença dessa criatura que me surgia como enviada por Deus. Se ele aqui passa é porque me procura, impellido pelo gesto invisivel de quem pôde, empurrado pela alma Augusta daquele que tanto amei. Não é assim, mãe ?

— Não sei, filha. Tu o pensas, tu o dizes...

— Campram-se as sentenças. No âmago do meu viver quero-o se ele me quizer. Como esposa ama-lo-ei invoando

secretamente o amor que se perde. Vêjo neste a vida que morrea. Quem por mim espera na mansão imatável da eternidade ha dé bemdizer esta salvação de um amor que é dele e só dele. Só ha beleza nas almas, como só ha amor nos sentidos.

\* \* \*

E de alma salva com a comunhão ideal da outra alma desincarnada, entregou a matéria apeteçada neste viver terreno á imagem do seu unico amôr.

Casou passados mezes, por procuração espiritual do sargento Teles, com o seu representante na terra.

O resto é com o abismo insondavel dos misterios e com a materia tentadora que se decompõe e pulverisa.

## Filha de padre

Alva de neve, de olhos e cabelos negros, rescendendo viveza e subtilidade em seus comentarios doirados a proposito de conquistas amorosas, marcava culturalmente o seu lugar na validade elvense. Não ocaltava sua proveniencia conluial á face da terra. A oriandez espicçada pelo preconceito social e pelo dogma religioso, salvava-a ela, todavia, com a garridice de seus ares e a pujante naturalidade do seu ser que não distingue a pureza e o artificio. Era filha de padre, sabia-o toda a gente, confessava-o o seu progenitor, declarava-o ela, sem hesitações, através dos falgôres do seu talento e do seu desempociramento de atavismos arcaicos.

A Natureza é de uma bratali ade perfeita em suas concepções oniscientes; é um cantico de guerra melodioso em louvor da verdade tão superior e magestosa, tão civada de abismos e misterios, que o cerebro humano não assimila ainda hoje, limado pela imensidade dos secalos, a enormidade do seu poder. O filho de um papa ou de um rei vivem por influxo espirital e órgãos fisiologicos que não se distinguem nativamente de outros e mesmos seres gerados por um pastor ou um selvagem.

Eis como pensaria essa mulher moderna dentro de uma sociedade abarrotando de convenções estupidas, estigmatizando defeitos e labéos em pessoas incalpadadas.

Era filha de tonsarado, o fructo de uma mancebia crimi-

nosa mas de uma união mil vezes santificada pela poesia humana do querer e do sentir. Olhavam-a de esguelha como se de leprosa se tratasse. Procuravam amesquinha-la nos ágapes perfumados e cosecovilheiros, com pruridos de pudôr, sômente porque não existia uma Natureza regulamentada e escrita que lhe conferisse o direito legal e respeitavel de existencia.

Ah! Mas era bela no seu aspecto feminino e altivo, encarrando bem de frente e naturalmente as pessoas, arredada de arrebiques concupisceentes, sabendo dominar e afastar com sua aureola de decisão as bêstas humanas que só veem a conquista da prêsa, a carnagem tentadora.

— E' filha de padre! é filha de padre! diziam os raquiticos de alma, quando ella passava firme e aprumada, cheia de nervos e de vida, ou quando sentenciava com espirito em convívios enfezados, — penhores de pequenez banal e denunciadores de muito orgulho bafiento e muita ignorancia concentrada.

\* \* \*

Alguem a via bem de frente num certo dia, alguem ostentando doirados na farda e no bonet — um senhor tenente de artilharia, espartilhado, de bigodes hasteados e olhos penetrantes. Vinte e cinco anos relazentes e petalantes, idade em que os bafejados pela sorte na carreira das armas se sentem Napoleões por atacado, montanhando auctoridade e paixões em vertigens que se dissipam pela vida em fóra. Um senhor tenente que na sua miopia experimental consegue vêr toda a gente de joelhos na sua passagem, admirando-o, temendo-o e super-humanisando-o.

Fogo fatuo emanando da combustão viril da mocidade! Enchia a rua fazendo tilintar nervosamente as esporas e a espada e devendo o não estoír do pletorio abdhomem ás costuras fortes da farda e ao pregado resistente dos botões. Era, a seu vêr indestrutível e silencioso, alguem que pesava no mundo militar e no mundo feminino — um espeque formi-

dando do exercito e um Narciso que se sente apaixonado pelo seu todo e ainda com expansão para subjugar corações e derramar paixões.

Não se deve levar á ponta acerada da critica que este e outros campeões virtuais da rigidez de valores proprios assim pensem e assim procurem impôr-se

Olhêmos com os olhos da consciencia que eles são as tenras vergontas da vida enganadora e o producto acanhado da vida social que impera. Olhêmos e perdoêmos, entanto procurarêmos lenta e firmemente desbravar a floresta social quasi virgem em que a ignorancia tripudia e o preconceito letal vinca. No dia em que nós vejamos o soldado, o cavador e o artifice de lanternas em punho, feitos homens e procurando homens, á laia de Diogenes, mas encontrando-os, a face doentia dos homunculos cheios de fatalidade cederá seu lugar á face da bondade e da promessa, da fraternidade e da coadjuvação utilitaria. Então os homens deixarão de ser menos fêras e mais humanas, se bem-mal que as fêras hão de comungar comnoseo emquanto o misterio do Nada mantiver a conformação caprichosa de pensamentos e de insidias. Melhor preparada a massa cinzenta no caldeirão enigmático da vida dos seres e a arvore da vida melhores fructos produzirá.

Até lá...

\* \* \*

Pois o nosso tenente narcisado e dominador segroua em suas mãos a avesinha mimosa que um homem forçadamente celibatário fez produzir.

Segroua-a? Garrou-a qual aguia possante de masculos, tomou-lhe de assalto o coração terno e puro, sorveu aqueles olhos feitos de luz e negrimes, mostrou-lhe mentalmente uma apoteóse de venturas e de filigranas doiradas de aspirações, num scenario de deslambraimentos em que ela nimbada de luz amavel seria a fada terrestre encantando-se a vida, gerando-se gôsos inextinguiveis, numa edenica superioridade sobre todos os outros viventes.

Quando a mulher em silencio místico, macerada, em atonia cerebral, escuta do homem audacioso a retorica masi- cal desusada e cheia de habito mórno e sensual, cai fatal- mente; sossobra.

Ele, de porte marcial e féro, idealizando muito em si brutalidades baixas como predomínios de caserna, jámais se encorporisou nessa crise passional que arreбата e inebria. Junto dessa mulher sublime e casta, feita de nervos e de doçaras, elevada no seu sexo, magestosa em seus crédos humanos, alma aberta á juventude sem peias ou torpores, ladina e santa, resoluta e comedida, ele era um monstro tra- vestisado de alfenim. Soou-lhe, pobresinha alucinada, a hora da queda quando sapanha abrir as azas para grandes vôos de sua imaginação ardente e sobria.

A desgraçada ama o misero vendo nele o sonho do seu sonho, o escravo sanguineo e pundonoroso de afirmações proprias e solénes. Julgou-o digno, julgou-o homem na ampli- tude pundonorosa do termo.

Ea não sei bem se a mulher quando ama em sorvedouro braseo dos sentidos dispõe de momentos para julgar com reflexão. Sei lá se o coração catadupando como cachoeira é capaz de vêr alem desse amôr que a atormenta e varre do cerebro essa estoica serenidade que, noutras circunstancias, permitiria obtemperar:

— *Pois sim. Caminhêmos por curtos etapes. Precisamos conhecer a terra que a vista nos oferece. Sondêmos nossas consciencias, aquilatêmos de nossos pensamentos trazendo-os ás mãos para que lhe palpêmos a consistencia, a durabilidade, o fundo valor que não confunda.*

Sei que uma alma de eleição, amorosa em toda a sua plenitude, vibrando de enternecimento por esse homem rude de sentimentos, abriu os braços para o chamar a si, todo seu, como querendo ligá-lo a si para todo o sempre, orgulhosa de o possuir e grandemente nobre para por ele se sacrificar.

Abriu os braços para se sacrificar aos beijos fementidos de um novo Judas. Cafu como tantas outras desgraçadas e ele

continua de pé, a mostrar-se radioso, cada vez mais senhor de seus bigodes, de seus galões, de sua farda e de suas baralhas e reluzentes esporas, olhando a profundidade da sua infamia como pena solta de ave ferida, á mereç dos ventos.

\* \* \*

Mas ella, na derradeira salvação de sua honra espéinhada, mais por essa nobreza de sentimentos que por uma tentativa de vida de fé e de carinho, atinjia-o como militar. Levou-o ao banco dos réus, a um conselho de guerra, para que ali se visse bem se a honra de uma mulher e a dignidade militar eram ou não espejo onde as gentes pudessem galhardamente encarar-se.

Ea vi esse julgamento que atirou com uma mulher ferida para o canto de um lar, amesquinhada e envelhecida e significou a maxima indiferença pela razão humana, falseando-se depoimentos, para que a filha de um padre suportasse por torpe oriandez o labéu de pessoa sem dignidade.

Filha de um padre, ella podia lá deixar de ser de ser artificiosa e de repudiar a escola de onde provinha!

Laçrimosa, cadaverica, como mãe dolorosa, amparada por alguém dos seus, ea contemplei a pobresita em pleno tribunal, onde assistia por entre torturas a mentiras do seu seductor e de testemunhas.

Na altara em que inquiriam dele a ultima alegação e em que de pé, firme, bem posto, sereno e oasado, afirmou que tinha a sua consciencia tranquila de não haver melindrado a mulher que muito de longe um dia namorára, a desgraçada ergueu-se como impelida por uma mola e, alacinaada, alheia á solenidade do momento, esquecendo-se da sua posição de flôr débil em mãos de homens cerimoniaes e frios, gritou enroaquecida:

—Mente como um vilão! Mente senhor tenente! Mentes como homem mau, como mentiras e serias traidor da tua honra de militar!

Ordenaram-lhe silencio e mandaram que ella saísse da sala.

Nam movimento brusco dirigia-se para entre o presidente do tribunal e o réu e, frente a este, ajoelhou, pôz as mãos e tremendo como o vime, lacrimějante, balbuciou estas palavras:

— Fala a verdade se és homem e és militar. Pelo amor de Deus dize tudo. Dize que me atraístes para o desvão da escada que conduz á porta da rua. Dize que sobre os ladrilhos estendeste o teu capote militar. Fala, fala, que me estás aniquilando...

E caía sem sentidos.

Mas se elle estava innocente! Oh se estava!

Fez-se livido, baixou os olhos e... nada disse.

Faltaram as provas, é claro que foi absolvido.

Uma honra em leilão; um crime praticado pela aristocracia desafrentada!

E o comentario arripiante, nauseante, sevandija, corria sentenciosamente de bôca em bôca:

— Filha de padre, podia lá ter honra semelhante criatura.

E o mundo continuou a rolar no espaço suportando o fardo insuportavel de certos miseraveis perfumados!

## O Nico

Foi outrora rica de tipos populares a vetusta e guerreira cidade de Elvas, antiga e mai nobre sobretudo desde que no seculo XVII soube depois de uma heroica e esfomeada resistencia levar de vencida as hostes de D. Luiz do Haro.

De entre os tipos apontados neste livro de recordações alentejanas destaca-se o bom, o honestissimo demente conhecido pelo Nico. Apreciei-o muito de perto, podendo considerar-se uma bela alma apesar de maniaco. Nunca aqueles labios deixaram soltar uma palavra arrevesada ou grosseira, não obstante a sua vulgar ineultura e os seus desesperos, que lhe congestionavam o rosto, quando a garotada se lembrava de o apoucar sacudindo-lhe bruscamente a inseparavel capa hespanhola, negra, de grande roda e com bandas de veludo rubro e preto, num esbatido tendenciosamente parda-cento por via de usança, muito cuidada e defendida, todavia, de sujidades. Era cego, o desgraçado, mas com um tino, uma super-sensibilidade que causava pasmo. Sempre de chapeu de côco, de comprido juncó por amparo e defeza; sempre de cãs cuidadas e caidas sobre a nuca, á poeta, á pintor, á antiga. Ou mendigava com esmeró, fazendo seleção de protectores, ou vendia jogo de lotaria. Era certo, lindas as refeições dos sargentos no quartel de caçadores, depois infantaria, aguardando na cosinha que lhe dessem algo dos restos de comida. Não pedia. Entrava, cumprimentava e esperava que dele se

lembrassem. Ouvia por vezes discussões acaloradas, censuras a uns e a outros e por mais que o consultassem, por mais que lhe pedissem opiniões em causas desfavoráveis a quem quer que fôsse, aquela bôca infalivelmente respondia que não sabia do que se tratava e que lhe parecia que todos eram excelentes criaturas. Bem me recorde que uma vez, a título de aspera e excepcional experiência, combinei com tres sargentos (que o Nico ignorava que estivessem presentes) em ouvir o honesto e cauteloso cego sobre o sistema de deficiente alimentação que nesse mez o sargento dirigente das refeições concedia aos comensais. Habilmente me acerquei do Nico e assim perorei:

— Amigo Nico...

— Dize, menino, dize. Estou ás ordens.

(Ele tratava toda a gente por menino).

— Amigo Nico, nós estamos sós. Estamos á vontade para falarmos.

O desgraçado começou de coçar na cabeça e de cofiar o bigode nêvo, sinai de preparação diplomática para receber os acontecimentos.

— Isto vai mal. A vida está cara e o pret é uma miseria.

— Oh menino, em havendo saúde ha tado. Cada um vive como Deus é servido.

— Não é bem assim. Vê lá tu o que é a vida: Se minha familia não me mandasse agora umas duzias de mil réis estava arranjado. Por isto mesmo pega lá dez tostões para comprares um junco novo e tabaco para o resto do mez.

Com as mãos magras, limpas, claras e nervosas, o velho cego recebeu a oferta, comprimiu-me a mão e beijou-ma cheio de gratidão.

— Mas vê tu, continaei. O sargento que dirige o rancho é sovina, suga-nos o que nos pertence. Comida rées, pouco abundante, mal temperada, de maneira que janto aqui no refeitório para em seguida ir tomar novo jantar em qualquer casa de pasto. Ele tem tanto a consciencia de que procede

mal que assim que a distribuição se faz vai-se embora. A estas horas estará ele regalando o estomago, lá fóra, á nossa custa. Isto é desabafar. Má alimentação, amigo Nico. Até tu sofres as consequências, comendo mal, não é verdade? Se não concordas comigo é porque não és meu amigo.

O Nico procurou-me com a mão direita, que colocou no meu hombro e depois de vãmente olhar o tecto por alguns instantes, respondeu-me:

— Oh menino, perdôa se te ofendo. A comida tem sido boa, saborosa e farta. Todos são amigos e sabem dirigir o ranchinho com cuidado. Acredita, menino, que é isto o que eu sinto. Tenho comido bem; todos me tratam bem. E' isto, menino.

Fingindo-me zangado retorqui:

— Faltas á verdade; mentes, Nico. Mentas a um amigo e tão amigo que mesmo agora te ofereceu dinheiro de boa vontade. Fala verdade, que a minha consciencia não o dirá a ninguém. E' ou não verdade que estamos comendo pior que o mez passado. Nada te custa responder com certeza. Ninguém nos ouve. Já te disse que estamos sós.

Pelas faces do mendigo deslisaram duas lagrimas. Nada respondeu. Nervosamente me estendeu a mão com o dinheiro que eu lhe havia dado, dizendo-me:

— Perdôa-me, menino. Ainda que tu me desses uma fortuna ou me concedesses a vista eu não seria capaz de mudar de opinião. Ha muitos anos que aqui eômo por esmola e nunca disse mal de qualquer que pertencesse a um grupo que tem sido como meu pai. Não, não o posso fazer. Tenho sempre achado farta e boa a comida. Se entendes que falto á verdade não me leves a mal entregando-te o dinheiro que me deste. Tu zangáste-te com a minha resposta e eu, assim, compreendo que poderias arrepender-te da esmola que me deste. Desculpa menino. Toma lá o dinheiro; dá-o a outro pobre, que eu ainda tenho para até ámanhã ou depois. Ha quem precise mais do que eu.

Abracerei com entusiasmo aquella grande alma, cheia de

firme gratidão, alma de demente que assim panha em relevo exemplar o grande juízo social que a tanta mentalidade falta.

— Abraça-me, Nico amigo, Dar-te-ia quanto pudésse se me fosse possível fazer-te vêr com os olhos do corpo, já que os da alma tão iluminados de bem se encontram.

Sorria-se, limpou os olhos e guardou o dinheiro.

\* \* \*

Uma unica mania o devorava. Julgava-se um sabio meteorologista. Previa em qualquer ocasião o estado atmosférico, embora *acertasse* como qualquer saragoçano de quinta classe. Infundia dó e graça ao mesmo tempo quando o interrogavam sobre o estado do tempo.

— Nico...

— Menino, adeus. Como vai isso?

— Dóem-me os calos. Parece-me que temos mudança de temperatura. O maldito do reumatismo está a alfinetar-me os ossos.

Amigo Nico mudava de aspecto. Endireitava-se, sacudia os braços vivamente e pedia que esperassem um pouco pela resposta. Suspendia a capa nam dos hombros, o esquerdo, formava com a mão esquerda retezada como que uma especie de pala um pouco acima do nivel das orbitas (para que a luz não ferisse a vista ao pobre cego!) e em seguida vibrava nervosa e sacudidamente o junco, rodando em circulo sobre um dos calcanhares, com tanto afan e esforço que os arranços da expiração lhe escancaravam a boca, de mistura com outras contorsões musculares do rosto, com intermitencias de alguns segundos, poucos, produzia esta manobra por umas tres ou quatro vezes. Ofegava, ficava positivamente arrazado de forças. Em seguida estendia o braço esquerdo e com os dedos parecia palpar o espaço e esboroar qualquer coisa.

Enfaticamente concluia segundo a opinião doentia do momento:

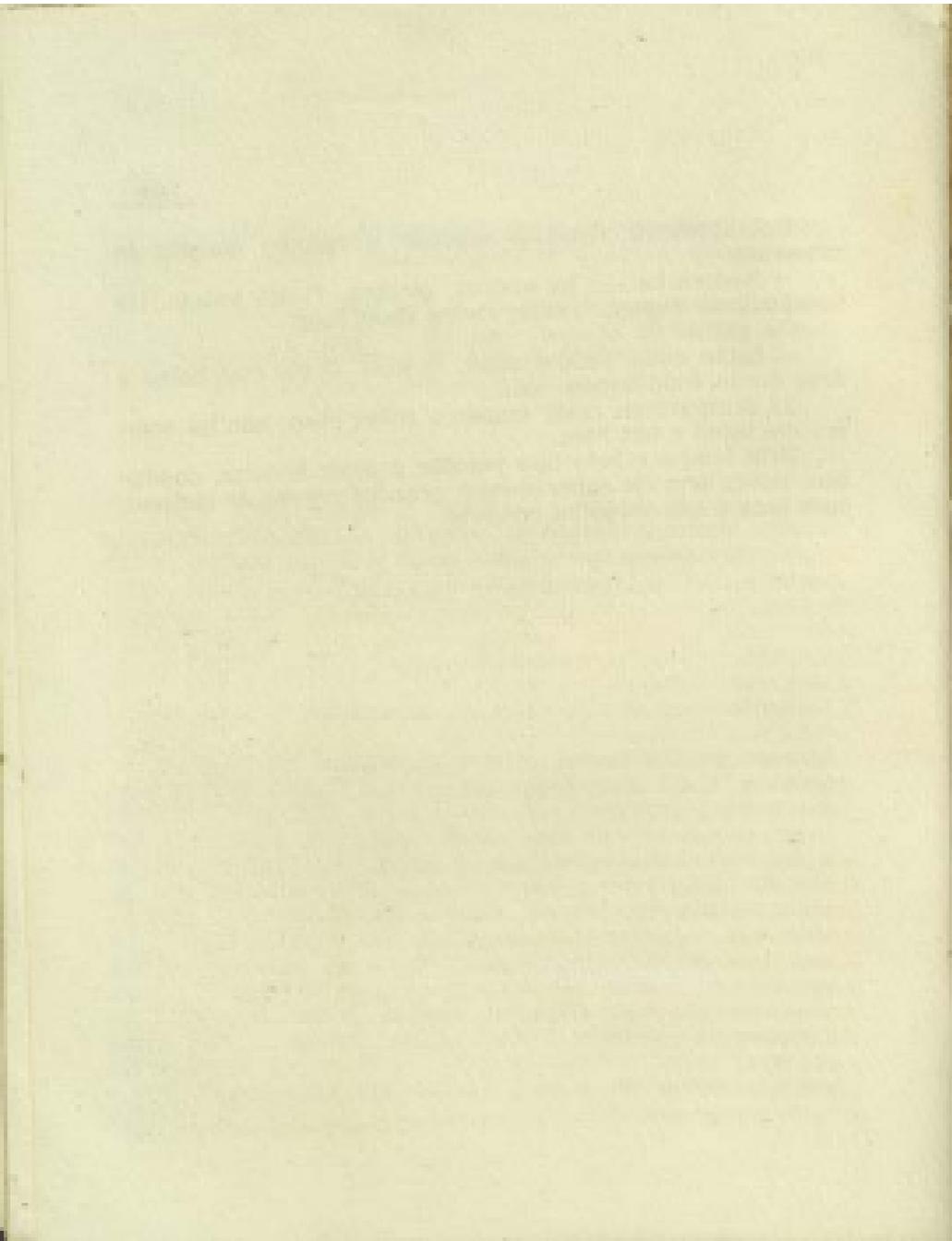
— Andam baixas as nuvens, menino. Muito baixas. Ha humidade no espaço. Temos chuva ainda hoje.

Ou então:

— Estão altas, andam altas, menino. O sol está baixo e deve darar. Belo tempo, olá.

Já desapareceu deste mundo o pobre Nico, que foi sempre um inútil e um bom.

Belo tempo e belo tipo popular o deste homem, dando-nos, talvez sem ele saber porquê, grandes provas de civismo, com toda a sua fraqueza cerebral.



## O Ruço de Alcobaça

Que doloroso revolver o passado em busca de pedaços de infância! São os imensos fragmentos da infância que, unidos, formam o mais sólido e elevado monumento que a nossa imaginação consegue erguer, ébria de sofrimento e de ternura, quando em noites escuras de dias cheios de luz, dias de desilusão, nós pretendemos firmar melhor e melhor pesarmos a nossa missão social.

A recordação de um passado estremeado e que não volta a tocar-nos é como raio de esperança no olhar do moribundo.

Tudo se transforma ou se escôa nesta primitiva ironia mandana, como bugiganga de efeito em mãos ligeiras de emerito prestidigitador.

É porque nos sabe bem falar da infância, eu relembro aqui um caso, como tantos dentro do liame dos facetamentos, que é da minha idade tenra e já cheia de tôla filosofia que a muitos se afiguraria como desequilíbrio mental. Enquanto muitos adultos riam alvarmente de certas coisas que não compreendiam, eu quedava-me sério como querendo vêr fundo a razão dessas mesmas coisas. Sentia a ansia ardente de conhecer o desconhecido nessa idade de debil floração dos conhecimentos banais que não escapam á observação dos maiores.

Vivi com os meus progenitores em Fontainhas, lugar servido pelos caminhos de ferro e de onde a diligencia do

correio nos condaz a Elvas. Fontainhas é hoje o triplo de amontoados de habitações que ali existiam ha trinta anos. E' bem uma freguesia airosa, modernisada. Nos tempos de ha muito idos o logar era firmado por ferroviarios e familias, pelo posto aduaneiro, pela estação telegrafica, pela fabrica de moagens, pela quinta do conde de Alcantara, pela casa de pasto e de taberna da tia Margarida e depois da tia Engracia, pelo cosmopolitismo vulgar dos logares movimentados e pelo bulicio duas vezes diario de passageiros que chegavam e partiam ou que transitavam entre Portugal e Espanha, sobretudo.

O passado arrancado á glêba da natalidade, quere ele provoque haustos de grandeza ou puerilidades de colegial, é sempre regionalismo.

No regionalismo ha sempre inéditismos, sarprezas, questão é que aqueles que no alvôr da vida perscrutam os fenomenos humanos e sociais com detença, como os renitentes alquimistas as retortas onde pedaços do seu cerebro eram pedaços da vida isolada, da vida trianfante ou morta, saibam dar-lhe côr, carinho e verdade.

Quando o genio estaa a propria velhice é a lirica dulcissima da juventude.

Ora eu vou aqui contar uma das muitas scenas da vida arrevesada e enigmatica da vagabundagem do espirito, da psicologia errante ou santa de criaturas que escolhem para prazer mundano aquilo que em nós outros pode ser visto pela margem da miseria escorrendo oprobio, escorrendo infortanio.

A tia Engracia possuia nas Fontainhas uma modesta e limpinha casa de pasto, como disse. Consolava comer ali até a historica e valetudinaria açôrda com azeitonas. Era tambem um dos bons retiros dos pecatos, do tempo. Ali se aconchegavam, em meia escondidela, officiais militares da guarnição de Elvas ou do Forte da Graça, funcionarios publicos e lavradores, que a titulo de passeio de tres quilometros passavam horas de comedido e discreto convivio, escorropichando uns copitos por entre o tasquinhar guloso de mimosos pasteis

de vaca que a boa da tia Engracia, ingénua e arteira, confeccionava adrede, ou, em dia de pelintrice de albigueiras, fazendo moroso lastro com uns filamentos de bacalhau era.

Numa outra dependencia desse predio acaçapado, um casinhoto tendo a meio um baleão em cujo tampo se viam velhas moedas falsas ou patacos, segaros por pregos, era a taberna, o gabinete publico onde ás claras a gente sem cuidados preconceituais faz o que os outros fazem a ocultas. Bancos tóscos, de pinho, ofereciam-se para descaço da freguesia. E sempre solícita e expedita, sarda e por isso mesmo sorrindo a proposito de tudo e de nada, a tia Engracia lá ia despejando o vinho nos *badamecos* de vidro e nos gigantescos litros de loiça de polido davidoso pela velha serventia.

Era ali, ali mesmo, naquella taberna manhosa e memoravel, que o mais famoso tocador de harmonium, o Antonio Pote, oleiro libertino e destreinado da profissão, executava trechos de musica e era tido como o maior virtuoso musical do Alto Alentejo. Tinha golpe de vista para saber viver sem azedames do officio. Sentia-se artista, sabia da labia que subjuga e atrae e por isso não chegava para as encomendas dos bailicos, dos casorios e baptizados, das assembleias modestas e fartas de bons nacos para a temperança do *canastro* folgado. Onde estava o Pote estava a alegria, o negocio e a petisqueira. Por tal prenda rara, a tia Engracia, quando elle ali ia, guardava-lhe escolhidos e saborosissimos pitéas. Era o isco que indirectamente atraía a rapaziada rustica e dominqueira e os aperaltados artistas operarios dos arredores. Bem armada a rede para o esvasiar de copos e os pingues rendimentos para a locandeira.

— Um copo ali para o senhor Pote, tia Engracia. Isso é que é tocar, caramba. Aquilo é que são dedos e gostos.

— Do branco, se faz favor, dizia o Pote com importancia, pousando o instrumento sobre o baleão e puxando do cigarro assolapado detraz da orelha, quando não havia charuto de oferta.

— Para nós uma roda de litro, sentenciava o que era tocado pela vez.

E depois e sempre, até alta madrugada, as mesmas palavras, as mesmas atitudes de embevecimento, os mesmos olhares estapidificados ante a jaculatória musical do Mozart de taberna, os mesmos copos a receberem vinho e a mesma mão descarnada e solícita a receber os cobres.

\* \* \*

De uma vez, atraído por uma preleção que lhe ouvira sobre matemática e astronomia, encostado á hobreira da porta da tasea, muito sério e alheio a essas scenas rudes e, todavia, socegadas, eu não desprendia os olhos do rosto alvo e sardento, de barba raiua e curta do atleta, do monstro, do filósofo, do culto e esfingico pastor que, acolhido a um dos cantos da casa, pausadamente e de vez empinava aos meios litros. Seus olhos de goraz morto baloiçavam lentamente por sobre o auditorio, esboçando de quando em quando um sorriso de tristeza e de aplauso ao tocador ao concluir suas harmonias.

Esse pastor, esse corpanzil de respeito que possuía uns pulsos que nem traves, chamava-se por aqueles sitios o Raço de Alcobaça. Ia ali, infalivelmente, aos domingos, beber tres ou quatro litros de vinho, sem comer, para depois, aprumado que nem roble secular, voltar para o lar pobretana, a cabana onde ha muitos anos vivia isolado, passando os dias a guardar um enorme rebanho de ovelhas de abastado lavrador. A vida desse homem só era conhecida de suas informações enevoadas, confusas, misteriosas. Mas como dentro de sua aparente grosseria era uma criatura de bons costumes, ninguém inquiria da sua proveniencia. Aparecera ha muitos anos por ali, num monte, pedira trabalho, prodigalisaram-lho e estava tudo feito.

Mas eu, prêso á anciedade do saber e admirando-lhe méritos de cunho, adorava-o em silencio, como se adora o

peregrino talento dos modestos. Naquele arcaboço de mastodonte agitava-se sardamente muita dôr, muita desventura, muita contrariedade, sem dâvida.

E nesse dia da prédica matematico-astronomica, esperei que saísse, deixei que se afastasse em direcção á cabana e tomei-lhe os passos como ás vezes o sapo suspende a marcha do boi.

Como garoto armando em homem que atrevidamente pede explicações a outrem, pergantei-lhe numa extemporaneidade de desesperar porque era que, sendo tão ilustrado, andava a guardar gado e vivia numa cabana. E fiquei-me de mãos nas algibeiras a fita-lo.

Por sua vez ele olhou-me de sobreceño carregado, demoradamente, media-me com uma rajada roncante, as lagrimas afloraram-lhe, pôz-me sobre o hombro a pesada manápolâ ornada de sêdas raivas, correu com o dôrso carnado e volumoso da lingua os labios gretados e desmaiados, suspiroou como abaçado bramido de fêra e disse-me:

— Quem te encomendou o recado, rapaz?

— Ninguem, respondi. Não sei porquê, tenho pena de si, de o vêr como gente sem habilitações.

— Ah sim? Vais mal por esse caminho. Quem ao largar os cæiros já se mostra condoido, não pode ir longe.

Pensou por instantes, esboçou um encolher de hombros, sentou-se numa pedra grande da berma da estrada, começou a enrolar um cigarro, olhou em volta vagarosamente e começou:

— Um pardalito como tu, que já se atreve a chilrear uma pergunta dessa laia, tem por força mioleira para aguentar os efeitos da sua curiosidade. Vá lá uma lição de moral barata. Quando fôres gente de bigode e barbas, nunca pergantes ao homem misterioso porque não conta a sua vida. Aprende a lêr no rosto humano o marulhar de tempestades que o intimo condiciona. Se o rosto denunciar sofrimento de dentro é porque esse sofrimento vem de fóra. Logo, o que se oculta não pode mostrar-se. Mas isto é filosofia que o teu cerebro de

pardalinho ainda não alcança beni. Mas mesmo assim mostrás no olhar sereno e vivo que és bom rapazinho e que talvez possas vêr um pouco a lava do valeão que me alimenta. O Ruço de Aleobaça é pastor, ouviste? Dórme ao lado daquele cão que ali vêz olhando-me e entende-se ás mil maravilhas comigo e com o gado que defendo e guardo. Admiras-te que eu saiba maito e viva por entre saragaços e oliveiras, rochas e valados, longe dos homens, comendo *marrocate* e azeitonas todos os dias menos aos domingos em que só bebo vinho? Tive pai e mãe, de linhagem tal ou qual aristocratica. Famo da alta roda, sabes? Andei de cabelcira ao vento e capa negra lá por Coimbra, até fazer o segundo ano de direito.

Bela coisa essa de revoltear o coração das tricanas, inspirar-mo-nos na sua beleza e acordar as gentes com serenatas. Para os bafejados pela sorte, está claro. Agora eu... Arranjei um feixe de exames, ejas cartas queimei um dia emquanto sarcasticamente sorria e recitava trechos de Jean Valjean, um malandrim santo que o senhor Victor Hugo inventou para nos moer a alma quando ela tem a transparencia do cristal. Meu pai era ilustrado e borracho, grande jogador da honra sua e até dos outros. Um traficante, sabes? Uma coisa assim parecida com as juras de ciganos. Minha mãe fechava os olhos ao abandalhamento de minhas irmãs, nemoradeiras libertinas que esfarrapavam a linhagem do sangue como serapilheira pôdre. Quiz reagir contra o cadal de insultos que me entonteciam. Trabalho baldado. Os meus não m'o consentiram. Mata-los? Oh não! A justiça imanente dos ceus que applicasse a sentença como e quando quizesse. Condiscipulos que a miude salvava de embaraços monetarios, esses, quando não me chasqueavam ao ouvirem as minhas sentenças morais, alvejavam fria e nebalosamente o viver torpe dos meus. Estás percebendo a violencia brutal da bêsta humana, rapazinho? Senti que era de mais entre os homens e que seria bemvindo entre os irracionais. Oxalá nunca chegues a avaliar com segurança que ha mais lealdade e amor no ladrar festivo de um cão do que no sorriso do homem.

Larguei um dia de Coimbra, á sacapa, como bandido amedrontado, peregrinei como vadio e vim ter ao monte onde ha muitos anos tenho o patrão. Ouviste, mea rapazola? Cresce, guarda para quando homem esta minha filosofia barata e procura ser bom se queres sofrer. Não percebes, pois não? Um dia saberás o que é o mundo predominante, autoritario, cego e vaidoso. Ouve, porém, esta minha oração de sempre: Nunca maltrates fisicamente os homens. Esmaga-os com a tua superioridade moral, sempre que poderes.

E erguendo-se volta-me os costados de Hercules, seguindo caminho.

The first part of the paper discusses the general principles of the theory of the firm. It is shown that the firm is a collection of individuals who are organized in a way that allows them to coordinate their activities and to make decisions that are in the best interests of the firm as a whole. The firm is a social institution that is created by the individuals who work for it, and it is subject to the same laws of social organization as any other social institution.

The second part of the paper discusses the theory of the firm in more detail. It is shown that the firm is a social institution that is created by the individuals who work for it, and it is subject to the same laws of social organization as any other social institution. The firm is a social institution that is created by the individuals who work for it, and it is subject to the same laws of social organization as any other social institution.

The third part of the paper discusses the theory of the firm in more detail. It is shown that the firm is a social institution that is created by the individuals who work for it, and it is subject to the same laws of social organization as any other social institution. The firm is a social institution that is created by the individuals who work for it, and it is subject to the same laws of social organization as any other social institution.

The fourth part of the paper discusses the theory of the firm in more detail. It is shown that the firm is a social institution that is created by the individuals who work for it, and it is subject to the same laws of social organization as any other social institution. The firm is a social institution that is created by the individuals who work for it, and it is subject to the same laws of social organization as any other social institution.

## Escola antiga

Sinto afluir ao cérebro, neste momento, as prodigiosas reminiscências de um passado escolar arrevesado, esquisito, ridículo, cómico e triste.

O que eram os primeiros vagidos no berço das letras, com a negra e engordurada palmatoria a meter medo sobre a mesa do professor, só quem, pelo menos ha três dazias de anos, viveu encravado nesse ensino automático e artificial poderá ao presente avaliar-lhe seu peso e insucesso encarando o meto-  
dismo de intuição e o desabrochamento cultural e racional de hoje. As lições eram dogmaticas repro:ações para o profes-  
sor e o aluno.

Empinava-se tudo, palavra a palavra, virgula a virgula, sem um esclarecimento ou uma observação sequer. A sapiencia residia na posse da melhor memoria. Cantava-se a lição como qualquer velha beata, calejada de vomitar padre-nossos faz suas resas olhando tudo e todos, metendo ápartes ripostantes sem um engasgo, sem uma falha.

Pairavam por sobre a angustia e o martirio precoces e exuberantes inteligencias porque ao campo do discernimento ou da assimilação jámais pelo mestre-escola elas seriam chamadas. Tudo palavrório óco dos livros, salpicado de sorridentes assentimentos do senhor professor quando o aluno creança era um caudal de expressões do que decorara.

Que desdouro para o meu orgulho de condiscipulo trian-

fante e observador, aquella maldita hora em que eu, chamado a uma lição de historia patria, que não quiz engulir mas sim autopsiar, comecei por profundar juisos e estabelecer comentarios.

Tratava-se do reinado de D. Sebastião. Por entre tremuras de voz, temendo batibarba, expliquei ao professor que não tivera tempo para sorver a redacção do que estava no compendio. Poderia, no entanto, afirmar que sabia quem tinha sido esse rei e o que de importante se operara no seu tempo.

— Ora essa! comentou o mestre-escola, esbugalhando os olhos e cruzando os braços. Não decoroa e sabe dizer o que está no livro? O menino, por essa feita, não sabe a sua lição. Confesse que foi mandrião. E não tem vergonha em fazer pela primeira vez uma figura triste diante destes meninos seus companheiros? Pois por ser um bom aluno levará apenas uma palmatoada.

As lagrimas acudiram-me bruscamente aos olhos, mordi os labios e cheio de rubor estendi a mão direita para receber *o castigo da minha ignorancia.*

Mestre Carvalho — oh o mestre Carvalho! — porque me estimava e porque tinha em alta valia o meu amôr ao estado, fitou-me um pouco desalentadamente e observou-me:

— Vamos lá a vêr se sabe pelo menos os primeiros periodos da batalha de Alcaicer-Kibir. Eu começo: *O desaparego pelas coisas mundanas...* Vamos, continue agora...

— Senhor professor, disse eu, dê-me licença que eu diga o que estudei dessa batalha. Eu percebi tudo. El-rei D. Sebastião foi um rei sonhador e que iluminado pela fé cristã entendeu que a sua bravura encheria de gloria a Patria nos campos de Alcaicer-Kibir derrotando os mouros. Escolheu fidalgos e cavaleiros valorosos, organisou um exercito destemido e não quiz saber da sua pouca idade e dos conselhos dos velhos experientes...

— Pare aí, pare aí, com tanto disparate! Onde é que o menino leu isso na sua lição? O que disse são barbaridades da sua cabeça. O menino não deve tirar nem pôr nada. Não

estadoa a lição, está percebido. Ó que a Historia diz é isto, com todas as letras: *Batalha de Alcacer-Kibir. O desapêgo pelas coisas mundanas e o ardôr pela gloria levou el-rei ao empreendimen.o de combater os inimigos da cruz. As rivalidades entre os principes marroquinos...*

E assim por diante. Não estadoa e porque assim é, leva uma palmatoada. Verá como de futuro estadoa tudo, sem escapar uma palavra sequer. Deixe-me vêr a sua mão.

Estendi a mão e a fêrula brandamente fincou seas cinco olhos nela.

\* \* \*

Saudoso mestre Carvalho, meu amigo, meu pai espiritaal, coração de bondade embora emborcado em alcool, tu comprehendêste como a unica palmatoada que levei em toda a frequência escolar me quebrou o orgulho que me distinguia dos meus condiscipulos!

Tu soabêste em silencio avaliar que nunca mais te perdoei a afronta, porque nunca mais sentiste junto das tuas choarrices a minha vivacidade sorridente de outrôra! Continuei a querer-te muito, apesar disso; mas a dôr dessa palmatoada injusta ainda a sentia quinze anos depois, quando homem feito te abracei efasiivamente ao vêr-te, dizendo-te que a tal lição de historia era já a lição escolar que assinalava vontade de provar que sentia a verdade aproveitavel!

E agora, com o fêl da saudade a amargar-me o viver, em atiro mentalmente ás tuas cinzas e ao teu espirito paciente e amigo, o meu perdão sentido e nobilissimo.

Estavas dentro da logica catedratica do templo!

\* \* \*

Lembram-se os elvenses do mestre Carvalho da rua do Padrão? Lembram, lembram. Nunca meus olhos viram pessoa mais horrorosamente feia. Bexigoso, estrabico, belio, miope e devoto sincero do deus Baco. Pois apesar de todas

estas prendas atraía as creanças pela solicitude no ensino, pelas maneiras amenas como as tratava. De suas mãos saíam sempre optimos alunos, vangloriando-se de seu mérito ao afirmar que nunca aluno seu sofrera reprovação. A sua população escolar exagerada não sofria confronto em Elvas. Era de ensino particular. No magisterio official tinha como émalos o velho Margalho, dementado e baralhento, bôbo dos proprios alunos e o Coelho, alcunhado por Pica-o-pico, um doente que levava as horas da escola tossindo como desgraçado bronquico ou soltando arrastados gemidos de mãos sobre a volúmosa quebradura que acabou por o matar. E pouco mais havia para primeiras letras.

Desequidado no trajar e sorvendo de hora a hora o seu copito de aguardente, o professor Carvalho conseguia, apesar dos seus defeitos, ter por seu lado os pais dos alunos homenageando-lhe a habilidade.

Volta e meia, sob os fumos alcoolicos, lembrava-se de ir com alunos que escolhia, até ao fotografo afim de em grupo colher uma recordação. Encomendava uma prova para si e tantas quantos os retratados com ele. As vitimas eram os pais dos alunos, que tinham de pagar a despesa. A fermentação da *rija* produzia esta idiolia.

No seu quarto, junto á sala, havia sempre uma mesita de cabeceira onde pousava uma garrafa com aguardente. Quando mestre Carvalho saía por uns minutos da sala da aula afim de tomar uma leve refeição, como de costume, os alunos gulosos e atrevidos iam ao quarto chupar na tal garrafa. Deu de uma vez pelo desfalque e por mais que armasse em policia arguto a solidariedade dos seus discipulos manteve-se heroicamente no campo da ignorancia. Desconheciam-se culpados. Pois sim. Raposa de tomo como era, porém, não lhe foi difficil em ultima instancia apurar responsabilidades. Chamou os meninos (e que meninos alguns deles!) e a um por um cheirou-lhes a bôca. Pronto. As provas do crime sargiram esmagadoras. Como se combinados estivessem, os criminosos confessaram — pudera! — e em côro desataram nama lamaria de

perdão que atingia o máximo do ridículo e um pouco de dó. O *magister* perdoou e aproveitou a oportunidade para em emolado discursar aconselhar os pseudo-transviados a não se deixarem arrastar pelo vício do alcoolismo, citando males, expondo horrores. Um santíssimo frei Tomáz...

A's quintas feiras havia lições teórico-práticas de agricultura ou de botânica. Iamos para o campo. A par da monotonia de explicações sobre germinações das plantas e arbustos, caules e corôlas, havia a alegria da caça aos grilos e o exercício da bilharda.

A certa altura da lição era infalível a tourada. Era o professor Carvalho quem lembrava tal momento de frenesi festivo, já cambaleando um pouco e de olhos chorosos por mercê das goladas que havia dado da garrafinha que escondia no bolso de dentro e de que sarrateiramente se servia. Mestre Carvalho impunha-se sempre o direito de ser o touro. Investia com os alanos, aos zig-zags, berrava como panelão com fervura e no *á unha!* professor e discipulos rolavam pelo solo, entre nuvens de poeira e gritaria de ensurdecer. Depois, sacudida a terra e a poeira, como em momento soléne, os discipulos tomavam lugar na formatura e o professor, meio derreado e ranhoso, numa autoridade de palhaço sério, tomava o comando a seu lado, a caminho do epilogo tragi-comico.

Dirigiam-se á quinta ou horta do pai de algum alano, quasi sempre na estação dos caminhos de ferro de Fontainhas e ali permaneciam: ele empinando aguardente e os rapazes em orgia propria da idade. Ao anoitecer, mestre Carvalho era metido em *chirola* num carro e condazido a casa, acompanhado dos alanos, que formavam cortejo na cauda. Ninguém estranhava este acontecimento, tão corrente ele era.

Tudo isto se lhe perdoava porque, á parte a moral de esguelha de que usava, sabia milagrosamente desbravar, ao sabor da didactica do tempo, o cérebro das creanças a seu cargo.

Ainda me recordo do dia em que ele entrou na escola, baboso e embriagado, e se sentou junto á mesa para chorar como Madalena arrependida a morte de sua santa mãe, fale-

cida ha... cinco anos! Tanto gesticulou, tanto agitou a caneta que empunhara, tanto comprimiu as fontes e as faces num desespero comico, que acabou por cravar o aparo numa das orelhas. E como visse sangue, tornou-se sério e horrendo, ergueu-se cheio de baba e de laquimosidades e despediu a frase que os alanos receberam com abafado jabilo: — Meninos, o dia de hoje é para mim de lato e lagrimas. E quando, sobretudo, ha dôr e sangue, não é possível dar lições. Hoje não ha aula.

Tudo saía de roldão, como passaros em demanda do ar livre, desejando melhoras á vítima.

Mas eu lembro com infinita saudade tudo isto que é feio e triste, comico e ridiculo, porque aquelas lagrimas e aquele sangue são bem as lagrimas e o sangue que brotâmos muito ao longe, cada vez mais distante, da deleitosa mocidade!

## Vida de dementes

Todas as localidades, por infimas que sejam quanto a censo, teem a sua historia, o seu ponto inapagavel de referencia, a recordação de seus benemeritos, o terror de seus sicarios e as narrativas de seus dementes ou doidos.

Em criança, quando tinha as minhas birras ou lamurias que aborreciam, ameaçavam-me com um miseravel das ruas, tipo sujo de moço de fretes e de mendigo, que era conhecido por *Lafargas*. Era a invocação deste homem o soberbo talisman para curar a barulheira infantil.

De outras vezes vinha tambem á baila a ameaçadora presença do *Preto dos Figos*, um negro retinto, feio como um bode, que, como ave de arribação aparecia por Elvas de meses a meses, acompanhado de um cão qualquer que tinha sempre o nome de *Joli* e que obrigava a fazer piruetas ao mesmo tempo que com duas canas curtas, friccioneando-as asperamente, originava uma barulheira infernal a que chamava o seu *esfrangulha*. Quando angariava cobres comprava figos sêcos, que atava ao extremo de um fio que tinha a outra ponta ligada a uma cana. Com um pequeno páo batia a cana, que assim fazia tremular o fio e implicitamente o figo. Este saltitava pelas bôcas escancaradas do rapazio na faria de lhe finirem os dentes. Conseguido isso tudo parava e o *Preto dos Figos* metia a mão suja no bolso sebento, tirava um figo limpo e dava-o ao conquistador. Só assim, com tal isco, ele conse-

guia fazer-se acompanhar pelas ruas da cidade de um numeroso cortejo de petizes. Era um pateta inofensivo e que por seu feitio alegre gosava de protecção.

Melhor relato me merece, porém, um outro desgraçado, pelas suas manias irrepremeveis e ás vezes perigosas, se bem que os costumes do tempo permitissem que ele agisse em liberdade com todas as suas consequencias.

Esse homem era conhecido pelo Antonio Malaco. Bruto de corpo, de gestos e de voz, olhos de boi, bambolecando lentamente e corpo, lateralmente, como pendulo do antigo relógio, quando caminhava, cantarolava em rouco abafado nos momentos de calma. Arrancado a essa calma, por provocação, era como estardalhaço de prédio a desabar, rugir de leão, estalar de trovão, tropel de cavalaria. Só presenciada a scena ella poderia bem avaliar-se. Nunca vi coisa mais temerosa. Os seus arranços partiam de uma provocação apenas. Tado o mais lhe era indifferente. Bastava que qualquer — de longe, está claro! — soltasse a excomunhão:

— *O' ladrão das ameixas do Guerra!*

Pronto. Zuniam pedras (que *previdentemente* reservava nos bolsos) como vento sibilante no cordão dos barcos, sacudidas por pulso de atleta na maxima amplitude retezada do braço. Espumava-lhe a bôca como possêso, dilatavam-se-lhe espantosamente as orbitas onde os olhos raiados de sangue pareciam querer estalar, todo elle se agitava em torrentes nervosas, roncando; bramindo, rangendo os dentes. Vomitava atroadoramente sandices, insolencias, obscenidades.

Era indomavel nesses instantes de aguda conturbação cerebral. Era afastar ao largo, fugir, esconder. Estalavam vidros, ecoavam estrondos de portas batidas por calhaus que voavam como granadas. Morta a provocação que o inflamara, vinha-lhe a calma pouco a pouco. Aproximavam-se dele cautelosamente, davam-lhe conselhos, pediam-lhe esquecimentos, prometiam-lhe trazer o mariola que lhe lançara o labéo de ladrão. Então arquejante, lavado em saor ladro, sereno, mole, indolente, nam *rictus* de estapidez e de bondade, podia ouvir

em silencio até a reprimenda de uma criança. A' crise de leão seguia-se a crise de sapo.

Tudo tolerava na sua missão de burro de carga, fazendo fretes, transportando ás costas montanhas de coisas como se fôra elefante, menos que quem quer que fôsse o accusasse em publico, ou mesmo á bôca pegaena, de ter sido ladrão de ameixas. Era honrado, era fiel, confessava-o olhando de soslaio em sacões ameaçadores.

O insulto provinha de ter em certo dia o desgraçado comido umas dazias de ameixas por oferta do comerciante Guerra, oferta que um maldoso ou um trocista se lembrou um dia de pôr em dâvida nas suas proprias bochêchas. O rapazio e até os vadios de soalheiro entenderam, porém, que deviam velhacamente explorar com tal oferta, unicamente para o acicatarem e promoverem banzé.

Era infalivel á frente do guião, nas procissões, marchando sereno e cadeneiado, cheio de uma suposta unção religiosa. Não soltava uma palavra, relanceando aqui e alem olhares tôrvos ao povoalea, num presentimento sinistro de provocação.

De carapuça preta no hombro, mãos cruzadas sobre os rins, ele lá seguia, manso como cordeiro, sereno como os proprios santos em seus andores.

Ninguem seria capaz de o afastar dessa posição, sob pena de se esfrangalhar o cortejo com os seus estrebuchamentos capazes de varrerem tudo num apicee.

Tentaram de uma vez demovê-lo de seu proposito habitual e foi o bastante para que os nervos e os olhos comessem a agir em preparativos de crise. Desistiram fazendo-lhe festas e dando-lhe conselhos assim que ele falou:

— Se não me deixam ir cá no meu logar rebento com tudo e não ha procissão. Malandros!

Pois apesar de o terem deixado em paz, ainda de quando em quando, com suas suspeitas, olhava com arreganho para traz, para a irmandade, e enclavinhava as mãos.

Podiam perguntar-lhe á queima roupa, fôsse quando fôsse, que horas eram. De olhos em alvo, era certa e ime-

diata a resposta. Respondia com serenidade, numa voz de baixo enrouquecido, num aspecto selvagem, terrífico.

\* \* \*

Havia nesse tempo em Elvas uma mendiga alcoolica, repugnante nos seus andrajos, desgrenhada, gordurosa, suja, poeirenta. Amparada a um grosso cacete percorria de preferencia as quintas e hortas dos arredores, esmolando. Era uma megera repelente, embora ainda nova, demenciando-se a distancia pelos arrôtos avinhados, pelas emanações de balsa de uva, morna, enjoativa.

Como todo o suino não deixa de apreciar com alegria natural a marrã que se lhe depara, assim o pobre do Antonio Maluco, que tinha coração como qualquer asisado e possuía a sexualidade virilizada, não deixou de sentir enleios amorosos, o amôr bestificado pelo instinto arrevesado, ao conviver a miude com a esqualida mendiga — a *Guarra*, como lhe chamavam.

E eu pude vêr com meus olhos, sentados num blóco de pedra, em berma de estrada, os dois miseraveis encarando-se e sorrindo alvarmente, numa ferocidade amigavel, alheios mais do que nunca da vida que em sua volta palpitava. Numa irrisão do Destino, baixos e torpes, sajos e dementados, aberrações da sociedade mas produtos sensitivos da Natureza, não deixavam, todavia, de reproduzir na lama o calor animal e hediondamente meigo de um Romeu e Julieta em aneios de delicia.

A crápula social tambem sabe sentir o doce delirio dos nervos vibrantes, o carinho aguilhoante do peito e redimir-se assim, como em sonho, da lama da sua existencia, com o mesmo prazer com que o suino se revolve nos charcos pestilenciais.

## O mestre Pascoal

Naquele dia de abertura de caça, ha trinta anos, os doidos de Santo Humberto tinham deixado a cidade alta madrugada, de espingarda em bandoleira, apetrechos á cinta, farnel a tiracolo e rodeados de galgos e perdigueiros que em ladridos nervosos festejavam o primeiro dia de exercicio de manápolas e dentuças.

Não dormiam desde vespera os doidos caçadores da minha terra, acicatados pela idéa visionada dos saltos gentis dos coelhos, das tiradas velozes das lebres, dos vôos pesados e assobiantes das perdizes e dos artisticos, certos e oportunos tiros.

Eu creio que isto deve ser endemia geral em caçadores.

São como crianças em suêto ou como garranos libertos. Positivamente uns doentes viciosos, que tanto atingem a méta do disparate, como alcançam o came da mentira em loavor de seus meritos. Onde está um caçador, embora de apparencia austera e papal, está um eminentissimo trapalhão. Mentem por desfastio, por desporto, por orgalho de classe. Conscios do seu papel ao serviço da causa, tambem é certo que não se melindram com as gargalhadas condenatorias que os ouvintes lhes applicam.

Naquele tempo o caçador era feliz, livre de encargos de licenças. Caçava quem queria; mas a verdade é que, apesar disso, os caçadores eram em menor numero. Contavam-se

com facilidade e sabia-se que eles eram caçadores que sabiam caçar. Rareavam os podões, os marteleiros.

Alguns marchavam de vespera a ocupar montes para os lados de Vila Boim ou de Santa Eulalia; outros menós apparatus e ambiciosos iam ao romper dalva tomar as imediações do Lazareto, das Pedreiras, do Védor, do Falcato, da Calçadinha, etc.

Havia menos policiamento durante o defêso, como havia mais caça. Vão lá compreender a razão porque os excessos de zêlo contribuem muitas vezes para a inutilidade dos esforços. Hontem, em plena liberdade de caçar, sem o olho de lince do fiscal e com belos atiradores, surgia caça por toda a parte onde o mato, a rocha e a seara existissem; hoje com as comissões venatorias, a guarda republicana e os fiscais de si mesmos, ha em plena abertura de caça dezenas de quilometros em que se não lobra uma perdiz sequer.

Mais do que em outra parte, o Alentejo é a glêba terrivel para os que se divertem caçando.

Leguas de terras ardentes e rijas, escalvadas e ingremes, sem uma sombra que por um pouco alivie do sol-fogo, sem um rebento de agua que dessedente, sem uma casita que conforte, por ali vagueia atonito e extenuado o caçador, acompanhado da matula esfalfada com bôca hiante de onde a lingua se estende e dependura como carne sangrenta e latejante. No termo da jornada agitada e paciente, no almejado e salvador monte, como se tivessem sido violentamente sovados, por entre o esfacelar do pão, do chouriço e do queijo e o sorvêr da pinga consoladora, de gestos cansados e lenço encharcado em suor, os paranoicos caçadores prometem não mais comprometerem a saude. Um horror a febre da sêde, um supplicio o dardejar do sol inflexivel. Nunca mais. Só para outros pontos de melhor defêsa organica. A cansoada estendida á sombra, focinho entre as mãos, resfolegando ruidosa e nervosamente, olha a comida com ansia mas sem energias reabilitadoras.

Ao ripanso, desabotoados, como vadiagem amolecida, os

doidos da caça soltam baforadas de fúmo e empinam mais uns copitos para tonificação do sangue cansado e dos nervos lassos. Entretanto vão procedendo ao inventario da colheita. Sorriem, as orbitas dilatam-se. Contam-se lebres, coelhos, perdizes, miudezas. Belo dia, sim senhores. Já se sabia que a caça por ali dá sempre bem.

Tagarelam com frenesi, leilôam orgulhos de arte e mentiras de chapeta e por fim, numa sem vergonha ilimitada, massacradores voluntarios da propria vida, voltam a combinar nova caçada para outro dia, *precisamente* para o mesmo sitio, esquecidos da sêde e do sol de estio que atordôa como bordoadada de cego.

Grandes e simpaticos mariolas me saíram os caçadores!

\* \* \*

Nesse dia de abertura de caça a que me reporto, o mestre Pascoal erguera-se ainda de noite, careteando sob o dominio do reumatico e da idade. Eram horas de preparativos e de marcha. Deitou mãos das botas altas, grossas e mosqueadas, mirou-as, remirou-as, em seguida meteu-lhe os pés dentro e afivelou-as. Ao erguer o dórso fê-lo lentamente, através de dôres violentas sobré os rins e nas espaduas. Meio derreado, gemendo e amaldiçoando-se, pegou no colete e vestiu-o espicado de dôres nos musculos dos braços. Praguejou contra o inferno da reuma e o avanço infalível e traiçoeiro dos anos, fez um cigarro, acendeu-o e veio até á janela.

A frescura rejuvenescedora da manhã parecia alenta-lo. A cidade dormia num silencio apenas interrompido pelo longiquo e debil chocalhar dos gados e pelo festivo e estridente canto dos galos. Pôz-se de peito dilatado e arfante e de sorriso entristecido pela saudade a recordar dias de gloria, marés cheias de gôso de alma, em que derrabara caça que a outros escapára em passagem ciclopica, vertiginosa como sacão de peneireiro pelas ramarias de passaredo. Fôra sem

rebuço o maior caçador do seu tempo. Sentia-o ele e todos os entendidos o afirmavam. Possuiu sempre os melhores cães, as melhores perdizes para negaça. Não chegava para as encomendas por parte de ricasos que promoviam grandes caçadas em suas herdades. Ele presente e a caça abundante vinha logo ás mãos que era um louvar a Deus. Nem só os reis e os papas são queridos, dizia ele muitas vezes ao vêr-se rodeado de admiradores da sua pericia. E' que ele enchia uma festa com a sua graça de boémio simples, de piada sempre oportuna, com veleidades de rapaz. Era difficil conhecer-se-lhe qualquer tristeza, tal a fleugma de que usava através dos seus sorrisos e dos seus comentarios jocosos.

Mas agora, trémulo de mãos, quebrantado pelas dôres e pelos anos, sentia-se idealmente cheio de resistencia ao mesmo tempo que um sentimento de inaptidão fisica o moradia todo, o torturava assustadoramente mostrando-lhe a sepultura onde as vibrações da sua critica alegre e o seu orgulho meritorio repousavam para todo o sempre.

Voltou para dentro, tomou de repelão o casaco como que desafrontando-se de más visões e vestiu-o, torcendo-se dolorosamente, com todo o peso da verdade fatal a achincalha-lo.

Era positivamente um vencido.

Teimando como Napoleão ao prevêr-se em liquidação, não acreditava ainda no seu Waterloo.

Custa muito a cedencia á garra da velhice.

Cingiu o cinto com fartos cartuchos, pôz a tiracolo a bolsa com o farnel e o cantil com agua (mestre Pascoal nunca bebera vinho) enterrou o seu aba larga, tomou a espingarda, apagou a luz e dirigia-se á rua.

Os eflavios seivantes do alvôr davam-lhe enganosas forças, os mesmos enganos de que se serviam os velhos alquimistas apregoando elixires de longa vida.

Abria a porta á cansoada, que saía em alvoroço como colegiais em recreio.

E á hora marcada lá estava junto dos companheiros que o saudaram com o entusiasmo das grandes diversões.

\* \* \*

De encosta em encosta, de sêrro em sêrro, homens e cães batiam mato e rochas, ecoando com frequencia o estampido dos tiros. Galgos surgiam e desapareciam pelos môrros rochosos, como de vôo, estirados, e pelos socalecos e pelas planaras os perdigueiros corriam de ventas no chão e orelhas bamboleantes. A caçada prometia, pela barulheira dos tiros e desenvoltura frenetica da matala.

Terminada a faina, ao lusco-fusco, os caçadores foram pouco a pouco chegando ao monte do Falcato, de prévia combinação, vermelhos como corais, molhados como banhistas e alquebrados como soldados depois de marcha forçada. De soslaio iam vendo a toma da azafama, num egoismo natural e num despeito de émulos.

Fôra de feito uma bela caçada. Todos haviam mostrado destreza ao lado da sorte. Só um dos companheiros fôra desastrado nada matando, com grande pasmo da comitiva. Inquiriam do infeliz, apertavam-o com perguntas, em natural curiosidade.

Mestre Pascoal, o atirador de fama, o inegalavel caçador, o infeliz desse dia para ele memoravel, abriu a arma e tirou os dois cartuchos que haviam detonado. Trémulo, de lagrimas a envidraçarem-lhe os olhos tristes, falou então :

— Apontei por duas vezes e falhei. Por mais que queira não posso aquietar o estapor das mãos. Não vêem ? Tremem, tremem sempre as malditas. Estou liquidado para a arte.

Todos desataram a inventar opiniões subtís que iladissem e encorajassem o mestre.

Ele acenou tristemente com a cabeça e encolheu os hombros.

E nunca mais voltou a caçar. Poupou-se aos inevitaveis ridiculos.

De quando em quando, na officina sua, sentava-se e ficava-se a olhar o *aplomb* dos seus perdigões, a quietade das suas perdizes. A ocultas das vistas cariosas punha-se a ensaiar

movimentos de apontar e seguir corcovadamente caça no ar ou rastejante, face de encontro á sua abandonada espingarda, reliquia de seus dias de orgulho glorioso.

E assim estava, de sorriso doloroso, até quedar-se, de braços caídos, para nãma sacudidela arripiante dos nervos tornar á realidade.

Nunca mais! nunca mais! lhe zaniria certamente a consciencia, se é que — pobre tonto como quasi todos os tontos da sua idade — não tinha esperanças nam recuo milagroso do tempo!

Na sua faina de carpinteiro, que o era dos mais completos, mestre Pascoal, quando o trabalho falhava pela cidade encontrava sempre que fazer nos montes do compadre Bagalho, lavrador opulento e simples, rotando e rabiando, de saias chatas e tido nas redondezas como pessoa franca e bem intencionada. Custava-lhe procura-lo para lhe pedir trabalho, embora tais pedidos se traduzissem apenas pelo corpo presente e dois dedos de conversa sobre coisas vagas. Compadre Bagalho, embora de letras gôrdas, era psicologo de escola pratica e percebia-lhe as intenções muito honestas e muito previdentes.

Suportava a crise emquanto podia. Nos momentos em que via que o trabalho fãgia usava de um estribilho que era um aviso para os seus ajudantes deixarem a loja. Eles conheciam-o tão bem que mal o mestre começava a cantarolar

Oh casacão, casacão  
 Meu casacão valdevino  
 E' tão grande a escuridão  
 Que nem co'as mangas te atino!

coçavam na cabeça, procuravam o chapéo e iam tomar ares labatantes para outra banda. E assobiava-lhe no fim, emquanto fazia um cigarro.

Que alegria para mim o acompanhar um ou outro dia o mestre Pascoal a qualquer monte do Bagalho, sobretudo ao

monte da Comenda (era este o nome se a memoria me não trai), vivenda alegre, abundante de homens e de gados, rica de ares e de luz. Havia a labata que extenua e prodaz, sob a auctoridade rispida e basofienta do feitor, nam vaivem de bêstas e ganhões, carreiros e manageiros, boieiros e vaqueiros, porqueiros e eguariços.

Ali é que se recebiam ordens e se distribuam as rações, tudo com método e disciplina, como se fôra um quartel. O soeego conhecia-se á hora da sésta, no estio, como se fôra um silencio de sacristia, quando o sol dardejando a suprema ardençia fazia tremeluzir o ar sêco que afogueava e quebrava fôrças e as cigarras lamuriavam roafenhas como cantilena de aleijados em feira alentejana.

Garôto atrevido e filosofo de pacotilha que era, curiosamente deambulava observando coizas e pessoas, demorando-me a vêr o banquete dos miseraveis trabalhadores, queimados como arabes e sajos como labrêgos e mendigos. Accreavam-se de uma grande mêsa, sem toalha, e de cabeça descoberta, como devotos, todos metiam e tiravam as colheres no *barranhão* colocado a geito de todos lhe chegarem. Para variar, os engeitados do confôrto, párias sem olhares de justiça, comiam sempre a mesma berundanga. Ao almoço migas de azeite ou açôrda com azeitonas. Ao jantar chieharos guisados ou feijões com batata. Para desfastio recebiam um pão pequeno e circular, feito de centeio, cuja massa se aproximava do castanho escuro. Chamavam-lhe *marrocate*. Com este pão (de que dei um pedaço a um cão, que o cheiroa e não lhe toca) recebiam um queijinho do diametro de um pataco.

E submisso, rade, ingénuo e respeitoso, esse gentio arrabaldeiro e despresivel da minha terra, ganhões e famelga que geravam nababos e recolhiam infame soldada, devorava o que lhe davam como o mais superno dos acepipes.

Trabalhavam de sol a sol, alheios ao mando que é de todos, cantavam como bemaventurados e não recalceitavam, ou por ignorancia de seu valor ou com receio de serem despedidos e

tidos como vádios ou maltezes, rabaceiros malandros dos montes.

Os creados do lavrador Bagulho eram tratados como os creados de outros lavradores. A bitola social dos rurais do meu tempo não differia. São decorridos mais de trinta anos depois disto e não sei se as coisas melhoraram por lá. Ou se sei não cabe aqui outro juizo...

\* \* \*

Mestre Pascoal levou segunda panhalada em seus brios de homem, pouco depois. Os musculos flacidos e o sangue pobre negaram-se em lhe consentir esforço de braços. Sentia em toda a sua grandeza que passara á escala dos inuteis para entrada no Alem na primeira oportunidade.

Caçador de fama, artista de carpinteria era agora um zéro formidavel nas operações do seu viver transpirando saudade e martirio.

Ainda hoje paira por Elvas a memoria das suas piadas, da sua alegria, da sua boemia mansa.

Conheci-o bem, o meu grande amigo, o meu saudoso avô !

## O crime de Campo Maior

Ha umas três dazias de anos as gentes modorrentas e mádrugadoras da vila ficaram horrorisadas quando depararam á entrada de uma casa modesta com pedaços vários de carne humana, espalhados e sanguinolentos.

Como se sabia quem ali morava facil foi concluir-se que se tratava do corpo de uma mulher.

Os sarpresos transformaram-se em alviçareiros da tragedia invulgar batendo a portas, informando transeantes descaídos e pondo no que diziam a nota de pasmo e de funda revolta contra o seclerado, contra a féra que a tanto baixára do seu ser humano.

— Fizeram em postas a Maria Mocinha! Parece que é ela, pois que são tantos os bocados espalhados pelo chão que a gente não a pode reconhecer bem.

Alvorçou-se a vila, a multidão arremetia de encontro á porta da moradia da desgraçada na ansia de vêr com seus olhos o horroroso crime perpetrado a horas mortas, num lar onde apenas vivia uma mulher casada e cujo marido se encontrava ausente, no grangeio da vida material, de fazendas ás costas, de terra em terra, com o metro de madeira á laia de bégala e apregoando abaritonadamente o *barato fino* ou o *briche fino*.

Ninguem conhecera na terra crime semelhante, tão cheio de perversidade e daí a onda de rancores contra o criminoso

e a comoção sofrida perante o espectáculo macabro oferecido ás vistas.

Os campomaiorenses tinham fama, naquelle tempo, de eximios manejadores de navalha. Sentiam até orgulho em *marcar* com um traço no rosto, em curvatura de meia lua, todo aquelle que vindo de fóra se atrevesse a provocar a mais leve questão ou a denegrir a vida de algum indigena ou a amesquinhar gestos ou costumes de seus habitantes.

Era raro o cigano que de passagem errada ou inconsciente ou com blasonancias de coragem não tivesse recebido o baptismo do golpe indelevel por parte de algum assomadiço filho da terra.

Bastava que o desprevenido boémio atravessasse e olhasse com arrogancia o grupo forte de trabalhadores que ao entardecer se formava diariamente no ponto denominado *Cantos de Baixo*, ponto de confluencia de cinco rãs, para que soffesse a injuria fisica. Era ali que os rurais aguardavam o *concerto* para o trabalho e trocavam impressões sobre a marcha da vida labatante. Quizeram varias autoridades acabar com aquelle fóco de desordens, mas reconheciam a sua impotencia ante a resistencia heroica dos arreigados áquele habito que vinha de longe. Apenas dois civicos, destaeados de Elvas, vigiavam pela ordem publica. E que vigilancia aquella desde que se sabia que eles, quasi sempre naturais dali, acamara-davam com os seus conterraneos bebendo á sacapa o seu copito ou arranchando com amigos em petiseos, em supostos gabinetes reservados. E mal deles, mal de seus rostos e de seus costados se pretendessem demonstrar que uma barreira de respeito os separava da plebe.

Os *Cantos de Baixo* eram, pois, o baluarte inexpugnavel dos proletários da foiee e da enxada.

Dentro da sua rudeza, a gente desse tempo era ousada, decidida, altiva, estremecendo o torrão natal e reincidindo nos seus propositos e costumes, através de tudo. Sua indole de sangue arabe e escaldante, suas expressões em fráses cadenciadas e entoadas, de cabeça sempre ao alto e olhos

firmes e penetrantes, davam a nota do querer e do teimar. Gente honesta e empreendedora, gente de nervos, gente de trabalho valoroso e fecundo, na verdade.

Compenetrados da sua serventualidade no labôr profissional, trabalhavam com ardôr, amarrados á gleba, sempre, sem reeriminações, sem odio ao patrão, sem revolta contra os detentores da riqueza.

Campo Maior de ha tres dazias de anos!

O Felix Dabraz, alto, espadaúdo, afidalgado, sempre metido na sua impecavel sobrecasaca negra e suportando o chapea alto lazidio que nem aza de melro, solteirão conquistador e basofiento e limitado por assim dizer aos magros cobres que recolhia do seu catedratico cargo de bibliotecario municipal.

O mano Artur Dabraz, miope, varioloso, efeminado, tímido, uma vara enorme, com as suas compridas calças de parafuso, desconfiando nervosamente de tudo e de todos e roendo as unhas á falta de assanto.

Os manos Pégachos, comerciantes, dos lados de Sernache, idosos, ventrados, birrentos, vendendo muito pano era e muitos cotins e de manhã á noite questionando acaloradamente um com o outro e acabando por sistematicamente cortarem relações... até ao dia seguinte.

O Cardoso Tavares, de fazendas e miudezas, com *aplomb*, todo distincão, de infalivel flôr na lapela, pêsfamado e cavaqueador, quasi diplomata, passeando com frequencia fóra do balcão e vindo ás portas do estabelecimento para gentilmente e na sua voz pigarrenta e saltitante render homenagens aos que passavam.

O doutor José Regala, medico, austero e comentador, visitando os seus doentes, sempre nobre, cofiando os bigodes de neve em casos transcendentis e sempre espalhando pelos ricos os primores de educação e pelos pobres a sua dedicação e imensa generosidade.

O doutor Mexia Caiola, alto e nervoso, de aspecto britânico com a sua vermelhidão e as suas meias suíças, discu-

tindo a proposito de tudo e de nada, cuidando de suas propriedades e da sua politica com uma tenacidade de aço apesar de sexagenario.

O barbeiro *Capiton*, de fisionomia *boulangieriana*, enfatico e bom, quasi sempre acompanhando sua esposa *Capitôa* na passagem de bilhetes de rifas de quadros manuais, de matizes caprichosos, procurando ambos, através de longas perlangas, cair da vida material numa tendencia de boémia mansa.

Cá em baixo, muito em baixo, na miseria das ruas, pustula da erápala social, a malvada filosofia do *Cambiais*, o mendigo babujento e ascoroso que teimava, através de todas as correções que se perdiam, em andar como o pai Adão, nusinho, pelas ruas, apesar de lhe darem farpela que ele deixava fóra por desnecessaria e que no inverno procurava as estremeiras onde se enterrava até ao pescoço, num instinto de defêsa contra as intemperies, procurando assim conservar e adquirir calôr.

A esqueletica e dementada velha Remigia, filosoficamente transportando numa só algibeira-abismo pedaços de toucinho e pão, de promiscuidade com carrinhos de linhas, dedal, tesoura e agalheiro.

E a filarmónica dos *rabões* e a filarmónica dos *penacheiros*, filhos dilectos dos elencos politicos e odientos de então, degladiando-se seus elementos e amachucando-se cabeças e instrumentos no áuge dos entusiasmos politico-musicais.

Onde isto já vai, santissimo Cristo, envolvido na capa gélida e fatal dos tempos e perfumado na sua evocação com o incenso inebriante e pungente da saudade!

\* \* \*

Era, de facto, a pobre Maria Mocinha, a esquartejada. Exuberante de beleza e de mocidade, mimo alentejano que a Natura desenvolve para encanto dos videntes, ela atraía naturalmente quantos a conheciam. Quem a matau? Porque mataram em faria selvagem aquela flôr mimosa rescendendo fra-

gancia da vida? Que faria infernal levaria um braço musculoso ao mais revoltante dos crimes, dilacerando aqueles olhos cheios de negrimes e de tentações e empastando com sangue as madeixas pretas de seus extensos cabelos? Além de uma morte cruelíssima, que ilimitada cobardia a de quem se valeu do isolamento noturno da pobre rapariga para assim proceder.

Meios pequenos, vida de contacto das mesmas pessoas, imediatamente começaram as referencias a convergir, a tomar vulto. Houve quem visse alta noite do crime sair alguém da casa da victima; houve quem visse nessa ocasião um homem lavar as mãos numa fonte proximo do local do crime.

Rosnava-se já ácerca da davidosa seriedade conjugal da victima e apontava-se á boca pequena o *D. Juan* de barba loura e porte galhardo que cautelosamente, a horas mortas, sapria a ausencia do pobre marido que longe do seu lar trabalhava pelo pão de cada dia.

Focadas as suspeitas facil foi ás justiças deitar mão do suposto criminoso, com imenso pasmo da *élite* local onde o accusado disfrutava de consideração.

Preso Vaz Toaro o abalo moral e fisico produzido na familia foi enorme. Uns abandonaram-o como degenerado, como infame; outros procuravam inquirir da inteira verdade. A esposa envelheceu bruscamente, roída de dôr e de vergonha e a filha unica, genio e perfume, viveza e amorosidade, essa, sacumbida, petrificada, acabou por perder o uso da razão. Demencia mansa tomou posse da desgraçada e então era levada a perguntar cariciosamente a toda a gente porque era que o seu noivo, official de marinha, deixara de lhe escrever. Ninguem lhe conhecera namoros, a propria mãe o confessava e no entanto a obsessão constante da demente levava-a a diariamente ir á estação telegrafica escrever telegramas para um inventivo official de marinha no quartel de marinheiros e até para varias residencias em Lisboa. E' claro que o chefe da estação, de antemão prevenido, tudo accitava e tudo inutilisava a occultas da infeliz.

Vaz Toaro, a ferros em Elvas, negára sua culpabilidade,

decisivo, através de lágrimas, como negára sempre quaisquer relações com Maria Mocinha.

Julgado em memorável audiência, tendo como patrono estreante o doutor Armelim Junior, foi condenado no máximo de pena maior.

Foram concludentes e esmagadores os depoimentos.

Hoje, como ha tantos anos decorridos, eu ainda tenho a povoar-me a memoria a fisionomia pálida e lacrimosa de Vaz Touro, dandy campomaiorense, no momento barulhento e acetovelante em que ele, algemado e escoltado, era conduzido para o comboio que o transportou de Elvas para Lisboa. No recinto da estação ferroviaria viam-se centenas de pessoas amigas do eriminoso que lhe dirigiam saudações nessa incerteza ou comiserção propria dos grandes lancees de tragedia ou das grandes passagens do perdão.

Proximo da gare voltou-se para a multidão e com voz tremula e forte disse:

— Amigos meus e gente de honra: creiam que sou um inocente e não um criminoso.

Em seguida ergueu os pulsos unidos, de mãos postas, elevou as vistas para o azul imenso do espaço, mecheu os labios como dizendo qualquer coisa que ninguem ouvia, baixou a cabeça até ao peito e num choro convulso foi levado para a carruagem.

Ou grande teatralidade de um cinico ou grande dôr de um inocente garrado pela injustiça da justiça.

Ou seria o remorso a fonte promanadora daquelas lágrimas?

## Eterna historia

Mal conhecida dos estranhos a vila de Campo Maior nos tempos a que me reporto, como ainda hoje, ela era no entanto uma localidade buliçosa, uma terra alegre e que vive principalmente da sua agricultura.

Nos meus tempos de rapaz já com pretensões a alguém na escala social, podia dizer-se sem receio que essa vila ganhava tanto em mérito pela sua produção e actividade como era desconhecida de muita gente pela sua situação geográfica — nos confins de Portugal e sem caminhos de ferro á porta.

Mas que belos vinhos exportava, que abundante em cereais, em legumes e em frutos! O comercio restante é que era coisa apagada por via dos cardumes de contrabandistas. Relogios, sédas, cintas, bombazinas, casimiras, tudo isto e o mais carreavam da Hespanha os astuciosos negociantes clandestinos com uma desenvoltura que deixava a perder de vista a vigilancia fiscal dos servos de Côrte Real Mascarenhas, official de galão branco que ali constituia familia e ali cristallisa.

Se eu fôsse evocar a cada pé de passada coisas que vi e observei, seria um nunca acabar de descrições que tornariam esta obra volumosa em extremo. A vontade abunda mas a época que passa não é propicia a compensações materiais de livraria.

Tocarei os casos pela rama, aos saltos, para estrondear entretenimentos com meia dúzia de foguetes... de pena.

Não me cansarei de dizer que esta gente de Campo Maior tem sangue nas veias, tem alma, tem uma vida de nervos que deixa de banda toda a legião de alentejanos das outras terras.

Rapazes e raparigas na adiafa da azeitona, em bailes, em romarias, nos santos festivos de Junho, dançam e cantam com um entusiasmo inconfundível. As suas canções, embora dolentes, que vem dos agarenos e do sentimentalismo luso-arabe, são um encanto, provocam o embevecimento. Tão verdade isto é que a quando das festas elvenses em honra dos então príncipes Carlos e Amelia, junto do pavilhão rustico onde estes assistiam a uma parada agricola, as gentes mógicas e campezinhas de Campo Maior ganharam o primeiro premio de canções regionais, palmeando os príncipes, do alto do pavilhão, o côro melodico e harmonico que os surpreendeu.

Pois é verdade. Esta terra perde muito do seu valor por estar quasi isolada do resto do país. Salva-se hoje um pouco pela endemia dos automoveis e dos camiões que foram por toda a parte. Mas noutros tempos, no meu tempo, apenas um ou outro trem entrava pela vila como coisa rara e digna da curiosidade dos habitantes. Afóra esta raridade, havia as carreiras diarias da mala-posta de carro com molas e azeite do João Grilo e um outro carro, do mesmo estôfo, do Baixinho. Eram os estafetas do tempo, os topa-a-tudo dos transportes comerciais e de passageiros entre a vila, a estação dos caminhos de ferro de Fontainhas e Elvas.

Como as antigas praças de guerra, esta vila vivia dentro da monstruosa cinta de muralhas, com saída pelas portas da vila e da Carreira. Um simbolo, penoso para o tempo, das tradições guerreiras de outrora, uma negaça balôfa de estratégia, sem peças, com derrancamentos de canhociras e esboamento de cortinas.

Quem viu e conheceu a historica vila de Campo Maior,

como eu vi e agora a admira mais ampla, mais embelezada, recebendo pouco a pouco as rajadas do Progresso, os haustos do modernismo, tem de concluir que nada resiste ao avanço de criterios e de experiencias, á modificação de caracteres e de costumes. O impossivel e o condenavel de tempos idos cede terreno á passagem do que tem de ser, não porque os homens transijam mas porque os fenomenos sociais dominam, imperam, revolvem.

Pois se Campo Maior joga o *foot-ball* e tem um orgão de imprensa...

Está dito tudo, para arrelia dos espiritos velhos e doentios que não querem sequer ouvir falar em tão grandes calamidades da sua terra.

\* \* \*

Campo Maior foi a terra das minhas alegrias torturadas. Os meus quinze anos impeliam-me para o redemoinho do desprendimento, para a alegria de ave que adora a liberdade e não conhece o sofrimento das prisões. O lar dos meus progenitores, por arrevesado de fardos, levava-me á pratica de actos fastidiosos e pensionarios que me consumiam o tempo e as energias.

Os quarentões e ainda mais idosos que percorrem o país de fazendas ás costas, apregoando-as e que de quando em quando regressam ao seio da familia para um pouco de repouso, raros destes deixaram de passar por minhas paciencias ensinando-lhes a leitara e a escrita.

Muitas que hoje são mães e até avós (porque o mestre era mais novo que as discipulas) devem-me o pouco que teem de instrucção.

Centeñas dos que moirejam por lá comigo aprenderam as primeiras letras.

Ora era menino em mãos de bruxas, ora martir em mãos de juiz. Questão era que se entretivessem comigo mestre Costal carpinteiro, mestre Canha ferrador, mestre João de

Oliveira carpinteiro de carros, tio Carita lavrador e tantos outros catarrais pais das minhas discipulas e que tanta estima me dispensavam, ou que sobre os meus verdes anos caíssem os discursos conselheiros e maçadores de meu pai, uma zangazarra moedora que eu hoje recorro como caricia inestimavel, embora naqueles tempos eu pensasse que tal coisa seria muito propria para reflexão de barbas brancas, mas muito impropria para quem ainda não possuia barbas.

Até o comendador Barata se não dispensava, quando de permanencia no palacete enorme do largo do seu nome, de me chamar do alto de uma das janelas para saber se eu continuava a ser bom rapazinho e a ter juizo para ajudar o paisinho. Ele era rico e o meu paisinho era pobre. Mas como cada um dá o que pode, segue-se que o sr. comendador dava-me conselhos á falta de outra coisa. Melhor fóra que ele e tantos outros substituíssem os conselhos por dinheiro que me guindasse ás calminancias das habilitações literarias officiais. Hoje seria sem difficuldades pelo menos um doutor a mais a fazer peso na balança dos talentos. Era bem preferivel a isto de estar carregado de conselhos e sentenças e passar aos olhares de certas mentalidades diplomadas e calinas como vivente que não sabe lêr nem escrever.

Triste daquele que não consegue possuir por merecê de merecês um diploma, ao menos, de barro... sabio.

Terra de reboliço e de grandes agitações era nesse tempo quando os caciques politicos se preparavam para eleições. Caiola, Regala, Agrela e Mocinhas pontificavam, enquanto que cá por baixo as gentes estarradas e embravecidas, embora amigos fóra do campo politico, formavam polvorosas de fugir a sete pés. A politica! Os maiores metidos em gabinetes e em pacatos conatos, promoviam assim mesmo um desencadear de tempestade que apavorava. Que trianfassem progressistas ou regeneradores (fratas unicas do tempo) os andarilhos simplistas não passavam de miseros degraus para ascensão dos santos instigadores dos conflitos.

Sempre assim foi, sem cura possivel. Sempre assim será

enquanto o ardil e o orgulho impondo vaidade ilimitada encontrarem ás suas ordens a ingenuidade sempre troçada dos sebastianistas com miolos de pintasilgo e consciencia amorfa de lacaios. Fóra do campo politico, em maré de serenidade e de reflexão que não são mais do que fogos fátaos do arrependimento e do remorso, é possível a existencia do humanismo fraterno.

Nada ha mais propicio á eclosão do odio que o estímulo politico. Torna o homem em féra, o amigo em inimigo, o honesto em calaniador, o misantropo em revoltado.

Tudo isso aguentei de fóra, sereno e justo, nas horas amargas em que essa onda indomavel passa e vai estalar com fragôr nas rochas da desilusão, para de novo se formar e estalar.

Desgraçados dos raros, muito raros, que sentem em toda a sua pujança a beleza de uma politica de principios, civada de puritanismo. São os deserdados da razão, os banidos do meio.

*Adelante... adelante...*

\* \* \*

Eu estou a vêr aqueles ranchos de trabalhadores regressando da labuta dos campos, alegres, transpirando alegria, entrando ou pelas Portas da Carreira ou pelas Portas da Vila, pequenissimos tuneis, brutais arcos dos tempos guerreiros dos ataques e das defezas. E com essas gentes voltavam da manduca refocilante porcos e bacoros, sem guia, sem dono, para casa de seus donos numa semcerimonia e com uma ensinança de pasmar.

Eu estou a vêr a guarda fiscal distribuida pelos concavos proximos das estradas, pelas portas da vila, pelos rasgões das muralhas e pelos atalhos fronteiros, em cuidada vigilancia contra o jogo astucioso dos contrabandistas, praga ousada que conseguia entrar na vila e fazer suas vendas á sacapa apesar dos olhos de linco dos adversarios.

Eu estou a vêr as bancas ás portas das casas e em cima delas, berrando e guinchando como quem contra vontade se despede deste mundo, saínos reboiudos seguros por mãos de ferro até ao momento épico em que o facalhão penetrava certo na papada dos condenados. E o piorno a queimar o cabelame e as facas e navalhas a raparem o coiro até se tornar alvo e sanguineo.

Eu estou a vêr a gentalha fradesca catequisando crianças e tentando a feminilidade ignorante á pratica das graças religiosas, na igreja de Jesus, sob a égide mistica, demente e abarroante de dinheiro para a sacção, dessa conhecidissima, hoje tornada em pó, Condeça de Camaride.

Eu estou a vêr as fórmulas dogmaticas da Semana Santa, o respeitavel e solene deambular de devotos e namoradores, de igreja em igreja, pisando areia e palmas, pairando no ar o cheiro mistico e dormente do incenso e a doce emanação do rosmaninho; rostos frescos e belos a destacarem-se da negridão dos vestidos, sorrindo furtivamente e segurando o cartuchito de amendoas; a procissão a deslizar magestosa, a tomar vulto e a condensar sentimentalismo religioso por influxo dos sons extensos, dolentes e harmoniosos das filarmónicas capitaneadas pelo Semião carteiro e o velho Soares, aquele, pachorrento e enfatico e este, rabujento e remechido, olhando-se de través por causa da arte e sobretudo por causa da politica.

Eu estou a vêr o bulicio e a poeira nas touradas á vara larga, lá para as bandas do Castelo, circo formado por carros, carro feito de barrotes e taboas, gado de lavoura, mansarrão, mechendo-se apenas no intuito de fuga por nostalgia do socego e da pastagem; os camarotes á zamparina, inestéticos, para pouso das familias afidalgadas; exposição de pernas, ancas e mais artigos humanos das moçoilas do povo, empoleiradas pelos carros e alheias ao movimento e observação arteiros dos velhacotes que acorados passavam sob os carros.

Eu estou a vêr os espectaculos teatrais por derrancadas

companhias de quinta classe, na pequena *boite* do Castelo, tendo os espectadores que levar cadeiras se quizessem comodamente ostentar-se nos camarotes caixas de fosforos.

Eu estou a vêr a coscovilhice provinciana nas lojas dos manos Meiras, do Cardoso Tavares, do João Vaz Toouro e na botica dos manos Limas, em que eram comentadores e criticos esturrados os Tenorios, o Soeiro, os Minas Mocinhas, Caiola pai, Agrela pai, o Mascarenhas do fisco e tantos, tantos outros.

Eu estou a vêr a alegria esfusiante e espiritosa das Pretinhos, das Pereiras e das Victorinos, enchendo as janelas dos seus predios com a vida que lhes manava estridente e a simpatia do seu todo, quando aos domingos a rapaziada de esmero passava em distração pelas ruas.

Eu estou a vêr o pretensiosismo distincto do Agrela filho, a boemia amalucada do Caiola Junior e o acanhamento do Libanio Soeiro, estudantes liceais gosando férias, como mais tarde vi o sorambatismo do primeiro, os cabelos grisalhos e a continuada *areia* do segundo. E vi o terceiro, o desventurado Soeiro, o amoroso de um primeiro e unico amor, estirado na calçada do portão do quartel do 22 de Portalegre, em capitão, morto por uma das muitas balas politicas que partem das nevroses infelizes e desvairadas das revoluções.

Eu estou a vêr a loja de barbeiro do José Leitão, aos Cantos de Baixo, sempre movimentada, sempre dando guarida aos novos que discutem e de tudo sabem, aos *D. Juans* impenitentes, em que era inteligente apreciador o belo caracter de Manuel Vieira, zero na escala social do tempo, humilde, mas tão cheio de querer saber e tão perseverante que conseguia por seu merito e bafejo de sorte ser alguém no exercito, não propriamente por seus galões, mas sim pelo seu provado valor militar e intelectual.

Eu estou a vêr o saudoso Eufrasio Piñol, mulato, caixeiro na loja do pai, paraguaio mas desde pequenito vivendo em Campo Maior, nervoso, verboso, engraçado, cheio de paixão pela sua noiva, intenso de afirmações, a moêr-me a pacien-

cia com as narrativas das suas desventuras amorosas por culpa dos seus e querendo viver a vida a fartos haustos de felicidades nos braços da eleita do seu coração. E tanto havia de cegueira naquele amôr, tão ardente era a fé no seu noivado, tanta contrariedade paterna lhe inundava a existencia, que o pobre moço e grande amigo inesperadamente premeu o gatilho de um revólver e fez estalar as paredes do craneo. Estou a vê-lo estendido no leito, sangrento, segurando nas mãos enclavinadas farrapos da camisa que esgarçára na ansia sem dâvida do desespero ou do arrependimento tardio. E estou a vêr a amante, alucinada, inconsolavel, cadavérica, de luto durante meses, chorando a dôr do eterno desaparecimento desse que fôra a luz dos seus olhos.

\* \* \*

Vai distante tudo isto, môços e môças do meu tempo. Sabe bem rememorar. Sabe bem até dizer que o passado, por mais angustioso que tivesse sido, nos alenta e nos remoja o cerebro e a alma na luta cotidiana que cieopieamente nos devora as libras.

Os coevos hão de folhear este livro com carinho de gente afectiva por nele encontrarem particulas da vida exuberante que decaía por fatalidade evolutiva da materia humana.

## Tísica

Vamos lá escavando o passado com a enxada da saudade. Nada de canseiras neste entretenimento que tonifica, embora nos momentos de repouso o peito escorra muito intimamente um sangue que queima e faz chorar. Ao contrario da regra geral e da lei do menor esforço neste caso, o grande esforço alivia-me e aquele, ou a paragem, arraza-me de lés a lés. Cayo, revólvo, profundo, trago á superficie cadaveres, retalhos da mocidade, résteas de vida baliçosa ou miseravel, tudo quanto hei visto e sentido no torvelinho frêscio e rigido do desprendimento. A escavação mostra-me agora a miseria môça de uma vida perdida. Assim mesmo. Lembra-se dela, dessa miseria fisica e de fisico galante, gentes de Campo Maior do meu tempo?

Como o Mario historico e pandonoroso, heroico e desventurado, eu choro em silencio sobre as ruinas da minha Cartago que se não reergue.

Como eu me lembro da infeliz sonhadora que da vida e do amor só conheceu o esbôço, os primeiros alvôres despertantes e inquietos.

Quando ás vezes a fitava, a occultas e cheio de comiseracão, pensava nesse turbilhão de desventuras que é a vida. Do berço perfumado e fidalgo á misera choupana do pobretana, a existencia, quando não é um enigma de matações, um sortilegio macabro ou uma illusão paradisiaca, é aterroradamente

um martirio que desejamos exorcismar mas do qual nos não podemos separar. A garra de aço da Morte, por via de doença, ameaça-nos sem piedade pelos nossos dias de aspiração infinita, por mais que queirâmos reagir por um sentimento de vã vibratibilidade dos nervos.

Seus olhos grandes e azulados, cheios de expressão amorosa e capazes de abarcar todo o mundo de idealizações, boiavam às vezes por aqui e alem numa vaga fixação de infinita tristeza. Sentia eu, pobre analista afectivo, que o marfim delicioso e traiçoeiro de seu rosto e aqueles olhos de sonho e de amôr deseeriam ao coval em plena mocidade.

Pobre tísica!

São decorridos trinta e dois anos depois que presenciei os ultimos esforços de vida dessa campomaiorense de fidalgo apramo e de modestia simplicissima que se chamava Vitoria Rita de Oliveira Lima, minada pelos tuberculos pulmonares, sorrindo para o seu Placido Mourinho, numa ancia de querer viver, de querer redimir-se da devastação microbiana que a abatia hora a hora, implacavelmente.

Loucura de amôr aquele, amôr de provincia, firme, escaldante, nimbado de enganosas esperanças, exemplo vivido do humanismo santo e incipientemente procreador que rechaça a nevrose hibrida do amôr dos grandes meios, sempre davi-doso, sempre confuso.

Mas acabou cedo, como tado o que é harmonioso e dôce, sincero e civado de abnegações.

Vi-a sair, pobre tísica, no seu caixão branco como a pureza da sua alma. Vi-o a ele, pobre noivo, amachacado pela dôr, convencido de vêr que a sua Vitoria era bem uma pèrda, o pasto de vermes, o esfacelamento de uma ilusão.

E vi os manos Limas, boticarios misantrôpos, em estoica resignação, olhando o sangue do seu sangue, a amorosa do lar, como quem olha um campo de messe que se antevia promettedora e que os temporais bravios devastaram por obra do fundo misterio do Destino.

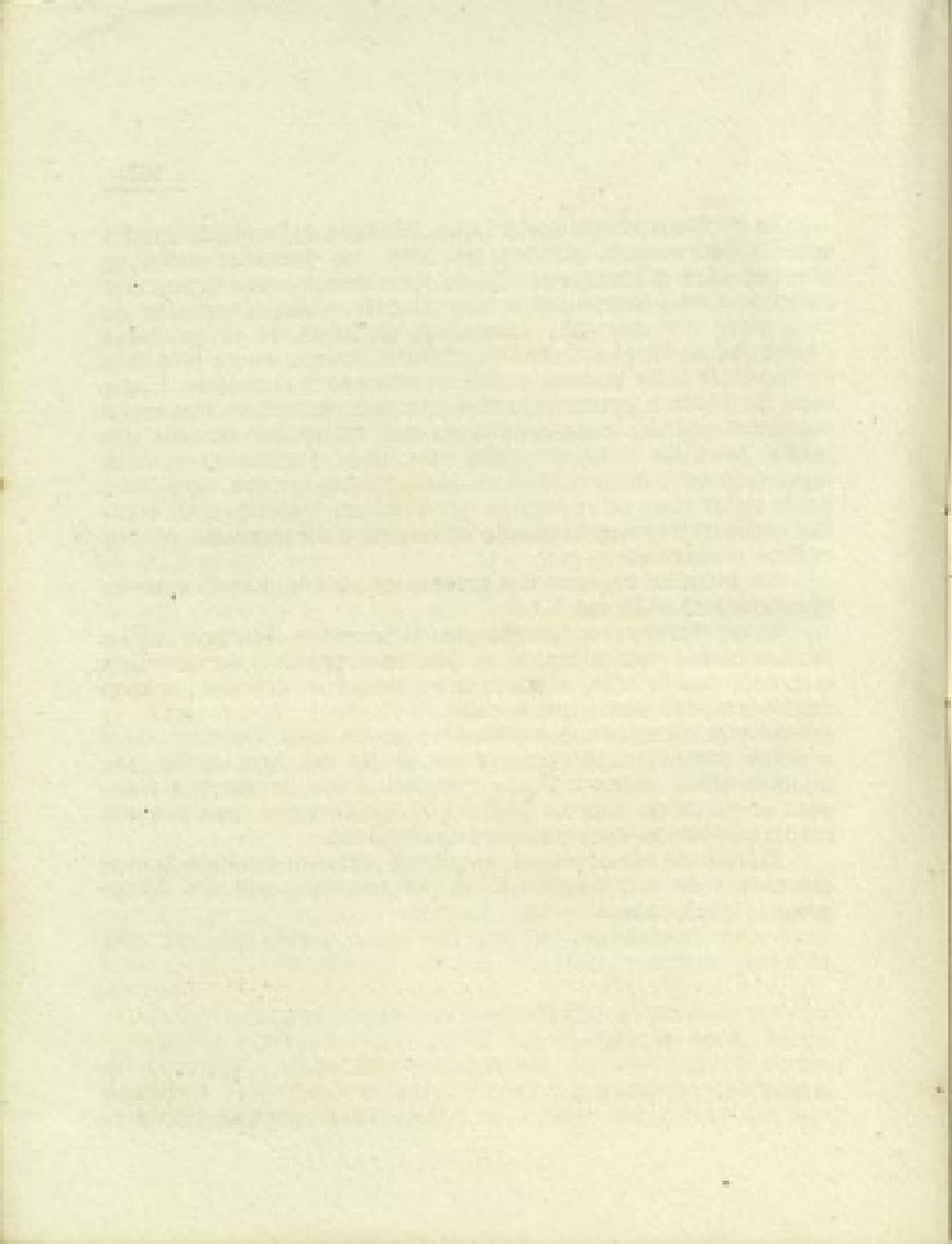
Se eu conheci a Vitoria Lima. Morava defronte de minha casa. Observava-a através de uma das janelas como se observa uma madona em tela de Rembrandt, com devoção e carinho. Cumprimentava-a diariamente quando eu saía de casa para lecionar nos domicilios as filhas do proprietario Carita, as do Cunha ferrador e tantas outras, numa lufa-lufa de rapasote feito homem velho, ponderado e sismatico. E que bem me sabia a penetração daquela voz melodiosa nos meus timpanos quando correspondia ao meu cumprimento com um *senhor Jeronimo* de homenagem ás minhas qualidades de bom *rapaz-homem* e de professor. Como, afinal, me era agradável ouvir pelas ruas os rapazitos que tambem lecionava, os miudos, descobrirem-se na minha passagem e dizerem-me «adeus senhor professor!»

Ah bemdita vaidade dos frescos anos, como tu és a unica tolerada pela vida em fóra!

Desse tempo eu guardo na memoria a imagem dessa mulher, como mentalmente se guarda o encanto da sensitiva que, mal desabrocha, começa a esmaecer, a definhar, a curvar o seu peso leve para o chão.

E' que eu adorava-a platonicamente, estremecia-a como a sciva que me acalentava, desde o dia em que soube que aqueles olhos azues e belos e aquele rosto de marfim estavam arrendados, não ao homem do seu coração, mas sim aos empregarios dos seus pulmões cavernosos.

Meridionalismo piegas e que no entanto é ainda o sintoma da vida sentida e perfeita que nos distingue dos selvagens... racionais.



## Tudo passa

— Eh ti A'gasto! Apregõe lá sardinhas a tostão o quilo e carapás do grado a sete.

— Eh ti A'gasto! Maças a trinta réis o quilo e pêras bujardas a mê tostão.

E lá ia, de perna rastejante e mão recurvada por via de paralisia, a caminho das esquinas das ruas populosas e dos largos, soltar o pregão altisonante que lhe encomendavam. Em busca de outro auxiliador grangeio vendia de permeio cartelas da lotaria ou bilhetes de rifas varias.

Era nativo campomaiorense o tio Augusto, o homem quasi invalido, vitima de ataques apopléticos, honesto e sempre fazendo por ganhar a vida á custa de esforços que muitos talvez não avaliassem.

Banido de empregos, de modos de vida labutante e airosa por causa do mal que o affligia, ele mostrara sempre, assim mesmo, que o corpo se fizera para o trabalho.

Era casado, tinha filhos e o seu lar pobre era um hino de tranquillidade e asseio.

Arrastando dôres e difficuldades, nunca esses espinhos lhe empanaram a satisfação do dever cumprido religiosamente como empregado municipal encartado, de que ingenuamente, mas conscienciosamente, se afanava. Era pregoeiro da senhora Camara, para o que pagara direitos de mercê, dizia-o com aquelle orgulho simplorio e honesto das almas de arminho.

Tinha dois irmãos melhor colocados do que ele. Um era músico de 1.ª lá para Abrantes e o outro, era ali, na sua terra, chefe do correio. Mas ambos lhe queriam como as meninas dos seus olhos porque sentiam bem que ele não pudera passar daquela vida baixa por desgraça do seu físico. Era carinhoso para os filhos e amigo dedicado da esposa, dos lados de Alpalhão, muito trabalhadeira para o ajudar na labuta de todos os dias. Teve venda de frutas, teve venda de peixe, amparado por mãos protectoras, provando sempre, mas sempre, que apesar da sua fraqueza física, da sua quasi invalidez, não queria ser pesado a qualquer.

— Eh ti A'gusto, perdi um brinco! Apregõe lá, que lhe dou a *milhadura* se ele aparecer ás minhas mãos.

— Eh ti A'gusto, do tinto e bom a pataco o litro!

E calcuuriava de ponta a ponta da vila, cauteloso e metódico, soltando aos quatro ventos os pregões, que eram em voz baixa repetidos, tim tim por tim tim, a quem o importunava por vicio ou por não ter ouvido bem. Sempre satisfeito, falando para a direita e para a esquerda, baloçando-se para levar consigo a maldita perna *lésia*, ele chegava á noite a casa cansado, baboso por culpa da doença, mas tranquilo como qualquer cidadão que quer dignificar-se neste mundo pelo seu valor proprio e morrer como um justo.

A's vezes presentia o insulto apopleptico. Mudava de côres, corria quanto lhe era possivel em direcção a casa e uma vez lá sentava-se e pedia para que o segurassem. Estrebuchava, contoreia-se sob o dominio de brutais espasmos, era momentaneamente um atleta ridiculo e acabava pelo regresso á normalidade, dorido, quebrantado de forças, para em seguida, pobre pária bendito, retomar o fio das suas missões.

Tinha a popularidade dos humildes sacrificados, o prestigio barato dos bonacheirões serviçais.

O sol firme e ardente do estio, que esbrasecia pedras e afogacia corpos pelos plainos alentejanos, ou o frio cortante e os chuveiros das invernias, não o impediam de caminhar, de dar ordem á vida pauperrima que desprendidamente supor-

tava e até de ir aos tugurios das gentes do campo assistir aos bailicos de candeia, para galhofar um pouco e um pouco afastar a sua escravidão física.

Morreu ha poucos anos o tio Augusto.

Morreu um tipo das ruas que não esquece facilmente. Foi-se uma alma cristianica para o ceu, se é lá o lugar deste fluido que nos orienta o ser, nos dá calor amoroso e preside em cada um aos seus destinos de nababo ou de escravo.

Se eu o conheci! Congenitamente sinto que os que nos pertencem por sangue, sobretudo quando eles foram humildes e bons, não devem de nós ser arredados.

E eu não dou noticia de na minha heraldica haver aristocracia perfumada ou conselheiros improvisados.

\* \* \*

Mademos de ramo, como é mister.

A face moderna de Campo Maior não é hoje coisa que se olhe de lado. Os seus habitantes novatos (notem que eu não sou traste medieval) ao lêrem este meu livro, tê-lo-hão á vista como quadro surpreendente da sua terra sem balcão e sem nervos sociais de distinção. Era assim no meu tempo. Não havia jardim publico porque o sonho bélico ainda conservava as muralhas como prenda de necessaria defêsa, embora as peças de artilharia nos amedrontassem com o seu engravamento de bôca para baixo nas esquinas de algamas ruas. Não havia cafés para entrenimentos espirituais e aperfeiçoamento de cultura, nem outro chá que não fôsse o caseiro á hora da tabela, nem *teams* cheios de novidade e de vida estafante, nem de centros de cavaco literario, nem jornalismo, nem esritores vivendo na vila, nem poetisas.

Campo Maior foi lavada, engomada a brilho e perfumada, não vão os forasteiros julgar que a civilização não quis toma-la tambem á sua conta.

A civilização, disse eu? Sim, esse convencionalismo pelintra que a sociedade moderna nos atira á cara para que veja-

mos por todo o mundo alfabetario as pernas das senhoras para cima das rotlas e os decotes até junto do umbigo.

Decotes e pernas á vela são maravilhas respeitaveis, bem o sei. Mas esse respeito perde muito do seu valor perante a razão ardente da bêsta humana, arteira e cinica que não tem calcalos de sensatez para dominar a sêde de libertinagem nos momentos de ideais delicias dos nervos frente a frente com a barreira que não deve transpôr. Bêsta humana e dandisada, rude e degenerada, que a civilização dos nossos dias pretende livrar nas suas arestas ao mesmo tempo que, qual desbragada Messalina, lhe oferece ás vistas toda a carnagem rosea e setinosa que perde e confunde.

Eduquêmos a vontade, dominêmos o instinto voluntarioso do ser, para que possâmos justificar na sociedade a nossa existencia supremacial, dir-nos-hão os embofias de saceristia apontando-nos a rigidez nobre de costames dos inglêses e dos americanos. De acôrdo.

Mas para isso necessario será que o temperamento fogoso que nos domina, deixe de receber em cheio esse sol limpo e ardoroso que nos torna o sangue e os nervos como azeite á acção do maximo de calorias.

Emfim, isto de civilização é um problema tão intrincado que só os gentios da Guiné poderão de boamente resolver.

Caminhêmos assim, que vamos bem. Já não estamos longe da época primaria, em que a leveza e encanto do trajar fiquem limitadas ao tecido fresco da propria epiderme.

## Epilogo

Isolado do conjunto de apreciações deste meu livro, perola valorosissima do meio literario elvense do tempo e que merece logar especial por isso mesmo, presto aqui saudosa homenagem a Antonio Tomás Pires, humilde de oriandez e de principios mas aristocrata distintissimo das letras, que soube inconfundivelmente hossanar a nossa terra romantica, tradicional, afectiva, perfumada de um sentimentalismo regional e puro que jámais esquecerá.

Nos labios dos elvenses illustres, mais do que em outros, o seu nome é e será pronunciado em recolhida e religiosa prece de amôr, de respeito e de admiração, como o de um sabio modesto e grande que tanto e tão bem soube mostrar o espirito latino, quente e amovavel da nossa raça.

\* \* \*

Tambem aqui lanço os protestos de minha sentida homenagem ao homem de letras cultissimo e amante da gleba alentejana que foi Antonio Sardinha, que eu conheci e com quem convivi nos seus primeiros alvôres liceais em Evora.

Embora consideravelmente distanciados em materia politica eu soube sempre aquilatar de seu valor mental e literario e conferir-lhe, através de tudo, integral justiça.

\* \* \*

Vivos ainda, com o que me congratulo, muito me apraz registrar e enaltecer a tempera valorosa e bairrista dos alentejanos José da Silva Picão, José Picão Telo e Mario Marques, que pessoalmente desconheço mas que muito admiro como irmãos no mesmo credo regional, que é mister com frequencia e frenesi firmar para que os de agora e os posteriores saibam que a dama dos nossos sonhos e que nos deu a vida, teve o seu logar devidamente marcado.

## Opiniões sobre o livro :-: CARTAS CRUEIS :-:

Do escritor dr. Victor Mendes:

**Cartas Cruéis** é uma bela obra de polémista e critica social, em que se reflecte brilhantemente todo o grande ideal de justiça humana que o anima e que só os espiritos superiores comprehendem e sabem distinguir através desta vida terrena de egoismo e corrupção que vincula tanto a nossa sociedade contemporanea.

\* \* \*

De *O Jornal de Moura*:

**Cartas Cruéis** de Jeronimo M. S. Paiva, é um livro de analyse e critica politica em estilo acerado e causticante; merece ser lido e meditado por todos aqueles que idealizam uma Republica digna e elevada. A sua leitura tonifica e retempera. O seu autor é um vigoroso temperamento de combatente austero do jornalismo da provincia.

\* \* \*

De *A Patria*, De Beja:

**Cartas Cruéis** deixou-nos a impressão de que Jeronimo Paiva se preocupou demasiado em fazer estilo. Os aspectos da vida hodierna, que pretende criticar conforme o seu critério, não se compadecem com a forma literaria pouco assimilavel á maioria dos leitores. Jeronimo Paiva lére, de preferencia, a nota politica e esta, menos que qualquer outra, carece estilizada, tão azevieira, rafada e ascrosa se vem representando.

No entanto **Cartas Cruéis** merecem lêr-se porque denotam cuidado e observação e, sobretudo, a grande independencia de character do aitor, a quem felicitamos pelo seu trabalho.

\* \* \*

Do *Noticias de Campo Maior*:

Acaba de saír o livro **Cartas Cruéis** de Jeronimo Paiva. O seu aitor revela-se um temperamento emotivo, um fino observador de coisas e uma alma de romantico revoltada contra as iniquidades e imperfeições da sociedade presente, revolta que se tradaz em frases escaldantes como ferro em braza e conceitos que denotam uma cultura vasta e uma nobreza de sentimentos pouco vulgar.

\* \* \*

De *O Porvir*, de Beja:

Não podia Jeronimo Paiva escolher titulo mais sagestivo para o seu livro. **Cartas Cruéis** definem bem a crueldade e a ingratidão de muitos homens, a quem o seu aitor servia de degrau para sabirem ás calminancias da politica e da

burocracia. Sem um queixume, sem um esmorecimento que fizesse arrefecer o seu ardôr de combatente, passando em recuados tempos as mais negras privações, Jeronimo Paiva é dos poucos dos antigos soldados da Democracia que não foi ainda recompensado, não obstante serem grandes os serviços que prestou á causa da Republica, no tempo da monarchia.

O autor das **Cartas Cruéis** não precisou nunca de réclames para vincar a sua personalidade. Para se impôr basta-lhe a sua intelligencia robusta aliada aos seus excepcionais dotes de trabalho.

As **Cartas Cruéis** são bem um repositório da sua vida martirisante.

Culto e intelligente, Jeronimo Paiva não pode emparceirar com aqueles revolucionarios de meia tigela, semi-analfabetos mas calculistas, supinamente estapidos, mas sobrejamente habilidosos, que manhosamente se aproximaram da gamela do Estado onde enchem, como giboias famintas, o dilatado ventre.

\* \* \*

#### Do *Noticias de Evora*:

As **Cartas Cruéis** são simplesmente o reflexo de uma alma sinceramente abrazada na chama ideal das concepções sociais mais perfectas e humanitarias.

Comentam e definem uma sensibilidade.

Comentam os aspectos cruéis da nossa vida social ou politica, tão cheia de crueldades, tão desconcertante de um espirito formado para o Bem, e definem esse espirito através das suas tendencias estilizadas no sonho fagueiro de uma nova sociedade mais perfeita e mais justa.

Jeronimo Paiva é hoje o mesmo de outros tempos!

A sua combatividade não se amolentou nem se adaptou ás formulas egoistas de um viver parasitario e explorativo. Vê e sente a Maldade e como um cirurgião conhecedor dos efeitos terriveis da chaga, applica-lhe inexoravelmente o cauterio da sua revoltada critica!

E através dela, vê-se claramente todo o seu idealismo puro, sonho incorporizado que procura materializar-se para consolo de toda a Humanidade!

Esse é, inegavelmente, o aspecto moral do seu comentário, do seu livro, onde as paixões tormentosas da nossa época de desequilíbrio podem encontrar motivos de discordância ou de critica, mas no qual ha que reconhecer uma grandeza de alma merecedora de respeito e simpatia.

Ficámos agradavelmente impressionados perante o eterno idealismo de um eterno latador!

\* \* \*

De *A Moca*, de Faro:

Apenas conhecíamos Jeronimo Paiva pelos seus escritos nos jornais e agora pela leitura das suas **Cartas Cruéis**.

Jeronimo Paiva revela-se-nos neste seu livro um profundo idealista, intransigente com os erros e as loucuras cometidas durante a vigencia do actual regimen.

**Cartas Cruéis** é um brado de revolta e de fé através das suas paginas de boa e vigorosa prosa.

Manuel de Arriaga, Sidonio Pais, Machado dos Santos, Antonio Granjo, Carlos da Maia e João de Freitas mereceram a Jeronimo Paiva um leve estado humano e caustico.

E' um livro que merece ser lido por todos os que se interessam pela politica e pela vida social portuguesa.

\* \* \*

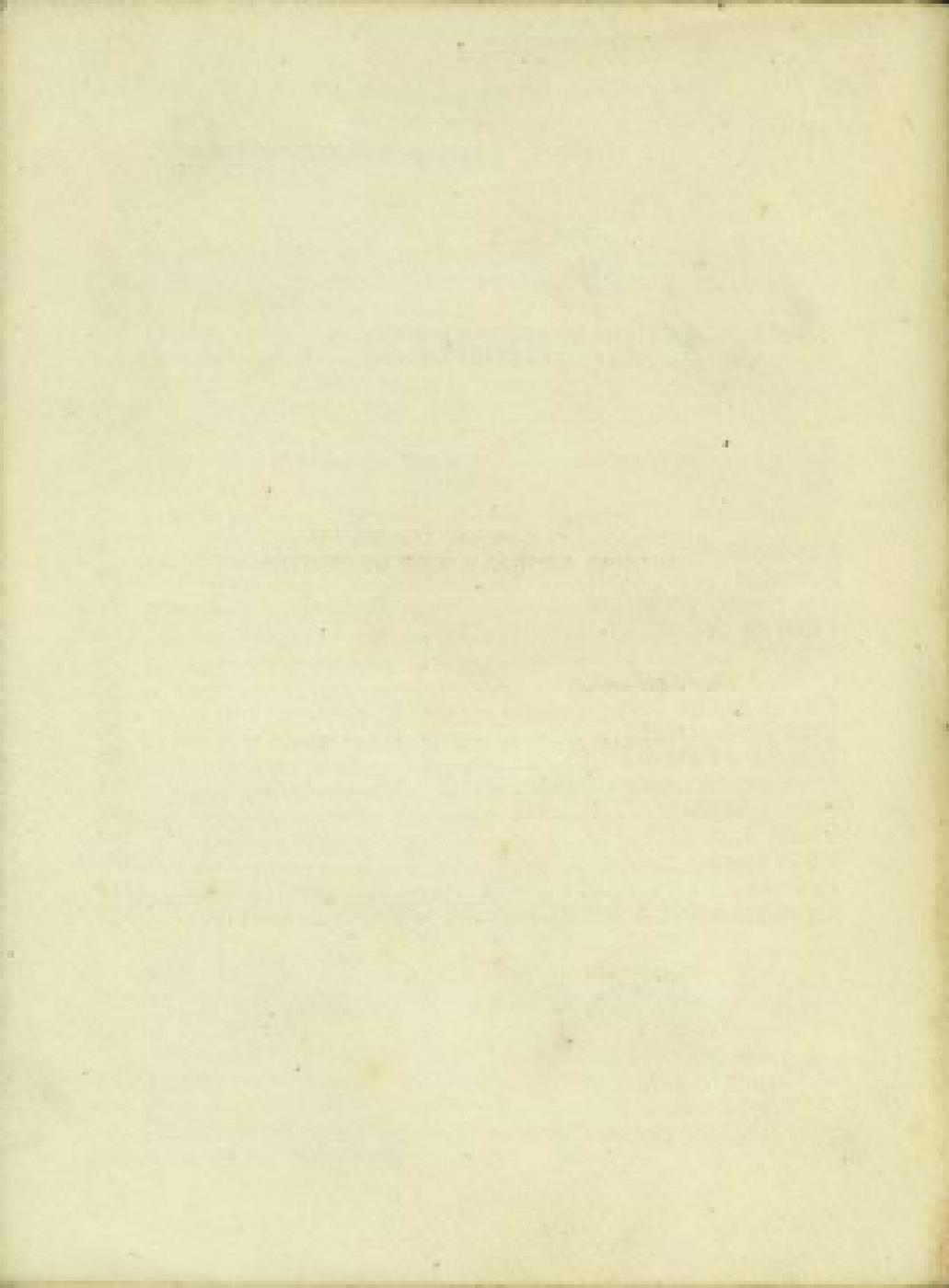
Nota — Convem dizer que foi muito restricta a oferta do livro **Cartas Cruéis**, devido ao redazido numero de exemplares impressos.

Não conhece o seu autor nenhuma outra critica mais do que a que ora se publica. Se o Carmo e a Trindade desabassem sobre a obra, aqui se faria gostosa noticia de tal.

Os restantes exemplares estão á venda nos depositarios indicados nesta nova obra.

## INDICE

Explicações .....	5
Apanhos .....	17
Nas garras do alcool.....	47
Filha de padre .....	53
O Nico .....	59
O Ruço de Alcobaça.....	65
Escola antiga .....	73
Vida de dementes.....	79
O mestre Pascoal .....	83
O crime de Campo Maior.....	91
Eterna historia .....	97
Tísica .....	105
Tudo passa .....	109
Epilogo .....	113
Opiniões sobre o livro CARTAS CRUEIS .....	115



*Do MESMO AUTOR:*

# CARTAS CRUEIS

OBRA VIOLENTA DE CRITICA POLITICO-SOCIAL

ANALISES SOBRE MANOEL DE ARRIAGA, SIDONIO PAIS,  
MACHADO DOS SANTOS, CARLOS DA MAIA,  
ANTONIO GRANJO E JOÃO DE FREITAS

♦♦

*DEPOSITARIOS:*

LIVRARIA J. RODRIGUES & C.<sup>a</sup>  
RUA DO OURO  
LISBOA

LELO & IRMÃO  
RUA DOS CARMELITAS  
PORTO

PREÇO 10\$00

1927-1816-P  
MINERVA COMERCIAL, LIMITADA  
EVORA

316-D-209